



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 60 — LISBOA, 9 DE JULHO DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. TENENTE SILVA PAIS, que dirige os Serviços de Fiscalização da P. S. P., a cargo de quem está a repressão à actividade dos açambarcadores, durante a festa da Polícia efectuada no Campo Grande, comemorativa do 75.º aniversário.

Entre os palmares de Sintra

A casa da Gandarinha

Uma reportagem de Manuela de Azevedo

A Maria desceu da última carruagem da terceira e ficou a olhar, a modos que atarantada. Todos os companheiros de viagem se tinham já sumido pelas portas lá do fundo e, pouco a pouco, gulhara na sensação de vazio. Era aquilo Lisboa!... Acanhada, de coração oprimido, sem saber porquê, como que a adivinhar coisas que não sabia quais eram, lá se esgueirou contrariada a entregar o bilhete que guardara na algibeira falsa do saio de baeta com «rebiques» de «perlé»...

Cá fora, na sala de espera, olhou em volta, sucumbida. Como ia a ser agora? Botava pela escadaria ou ia pela banda dos automóveis? Tinha-se-lhe desvanecido o desembaraço de moçoila da sua aldeia trasmontana e, agora, já não sabia bem que voltas dar à vida...

— Para onde vai a menina? procura alguém.
 — Vou-me a casa do meu tio João das Campas...
 — Onde mora? Traz a direcção?
 — Ai isso não sei. Na minha terra todo o povo conhece o tio João das Campas...
 E a Maria seguia o seu destino cruel, se quem se acercava da pateguita não tinha mais ofício do que aquêle mesmo de cibandar pelas gares a tentar moças de olhos mais fechadinhos que nem cega de nasença...

* * *

Quantas vezes a história se repetiu e repete?
 A sr.^a D. Maria Emília Brandão

Palha adivinhava o drama dessas vidas, cruzando-se dia-a-dia por aí. Era preciso, portanto, fazer alguma coisa de bom, por essas raparigas inexperientes. E um dia foi realidade em Portugal a Associação Internacional para Obra de Protecção às Raparigas — uma delegação da sede que funciona na Sulça.

Foi aquela senhora quem, há 28 anos, fundou essa Obra que funciona no n.º 47 da Costa do Castelo, aqui em Lisboa, e que recebe quantas rapariguinhas são encontradas aos baldões da sua ignorância, nesta aldeia maior que a sua no provincia... Aquêles que acorriam às gares da cidade, têm agora a disputer-lhes a préca senhoras de uniforme e braçadeira amarela e branca.

É claro que o pôr de pé tamanha organização não se fez num dia: aquilo tem custado, até, amargas experiências. Mas, hoje, as raparigas pobres desempregadas têm onde se acolher de graça, até arranjar emprego — e as que estão empregadas ou que estudam, na falta de outro, têm ali um lar que lhes cobra, como mensalidade, uma percentagem sobre o ordenado: quem muito ganha, muito paga; quem pouco tem, pouco paga...

Hoje, a sr.^a D. Maria Emília Palha morreu. A substitui-la ficou a sr.^a D. Maria Joana Mendes Leal, como presidente da Junta Nacional. Como presidente da Junta Diocesana, a sr.^a D. Maria Luíza Penha Coutinho da Câmara. A esta senhora se deve, porém, obra mais ampla: a criação da Casa da Gandarinha — a Escola Profissional Doméstica, de Sintra.

Ah! sim... a Casa da Gandarinha — o antigo palacete, nascido para hotel que nunca foi e que a viscondessa de Penha Longa legou à Obra de Protecção às Raparigas...



...primeira expressão de instinto e amorosa maternidade...

gas... Bom assunto de reportagem, e você, leitor, que não tem jeito nenhum para fazer turismo — mesmo dêste barato, ali a Sintra — e ainda aquêle outro que se interessa por estas coisas de bem-estar social — sempre hão-de gostar ambos de surpreender o diálogo...

* * *

— Excluimos por completo tudo o que lembre luxo. Qualquer ideia de bem-estar que se colha aqui dentro é apenas reflexo de higiene e bom gosto...
 Fala a sr.^a D. Clarisse Amarante Romariz, directora da Casa da Gandarinha, que acrescenta:
 — Esta Escola é destinada, exclusivamente, a ensinar as raparigas...

rigas pobres a ser boas donas de casa e a prestigiar o trabalho doméstico, fazendo delas boas serviçais.

— Depende da Protecção às Raparigas?
 — Moralmente, sim. Materialmente e administrativamente, não. A Escola Profissional Doméstica é sem dúvida excelente iniciada da presidente diocesana da Obra que, tendo à sua disposição um edifício magnífico, conseguiu dotação da Assistência para pôr tudo isto a funcionar...

— E essa dotação...
 — É uma média de 200 escudos mensais, para cada rapariga que da Casa da Gandarinha recebe alimentação, alojamento, vestuário e ensino.

— E esse ensino...
 — Muitas vezes, temos que perder muito tempo com estas raparigas que, apesar de virem já de outros estabelecimentos de assistência, são piores que analfabetas... E, então, temos que ensiná-las a ler, a escrever e a contar, dividindo-as por mais que uma classe...

Efectivamente, lá as vemos, muito atentas à lição, metidas no seu bibe de xadrez côr de rosa e branco...
 — Há certamente o ensino prático...

— Claro. As raparigas, segundo o regulamento da Obra de Protecção, beneficiam do nosso amparo dos 14 aos 35 anos. Aqui dentro, porém, é dos 16 aos 18 anos. Dividimo-las em grupos, não só segundo as idades, mas também segundo os trabalhos a desempenhar. Assim, temos quatro secções: serviço doméstico, culinária, engomadoria e lavanderia, e costura. Nem de todas se pode exigir o mesmo esforço. Entretanto, dentro dêste critério, conseguimos que, por «roulements», todas frequentem, ora numa semana, ora noutra, todas as aulas práticas.

— De quantos anos é o curso?
 — A experiência está a ensinar...



«E, então, temos que ensiná-las a ler, a escrever e a contar...»



Lá as vemos, na aula de costura

-nos que é preciso acrescentar mais um ano aos dois que tinham sido estabelecidos...

E, em melhor explicação:

— O primeiro ano é de adaptação, o segundo é o curso, propriamente, e o terceiro é de aperfeiçoamento...

— Onde vêm as raparigas que aqui trabalham?

— Quasi todas, segundo também o estabelecido, são — ou deveriam ser — pequenas que, terminando a educação nos asilos, aqui deveriam adquirir conhecimentos práticos do ensino doméstico...

—...Mas...

—...Sucede que a maior parte destas raparigas pertence ao que, nos asilos, nem sempre é a nata da população. E, assim, elas que vêm só pequeninas ou já mulherzinhas incompetentes, dão-nos um trabalho exaustivo para conseguirmos delas um precioso resultado útil e uma absoluta ascensão moral...

— Quantas são?

— Oitenta e duas. Mas, na capacidade deste organismo, a Assistência reserva-nos pequena percentagem de vagas, para as protegidas pela Obra de Protecção às Raparigas...

* * *

Obra social de largo alcance, com sentido excelente de dignificação do trabalho, a Casa da Gandarinha não prepara, porém, só empregadas do serviço doméstico — faz, ainda, excelentes donas de casa, onde aprendem a costurar, consertar e passar roupa, que também lavam e engomam. Lá as vemos surpreender na aula de costura, sentadas nas cadeirinhas baixas. A professora ensina:

— Assim, não, um pesponto mais miudinho...

Na lavandaria, lava-que-lava, estende-que-estende, com a ajuda da máquina, dos braços rijos e do sol mais a água com sabão, a roupa fica que até brilha de branca... Mas é preciso mexer, que na cozinha larga e bem iluminada, as companheiras apressam o jantar e o estômago tem as suas reivindicações a satisfazer... Lá, como na lavandaria e em toda a parte, as pequenas nunca estão sós: uma senhora, das dez que ali trabalham, vigia e ensina sempre — de maneira que cada lição é trabalho

útil; cada soma de esforços colectivo ou individual é uma aula prática...

De entre todas, a aula que mais lhes agrada é, entretanto, a de puericultura: num quartinho acondicionado, lá estão o berço, a banheira pequenina, o enxoval, tudo o que uma criança reclama e as mães lhe devem dar. Amorosamente, tratam do «bébé» de pasta — primeira expressão de instinto e amorosa maternidade...

— O dia começa cedo...

— Levantam-se às 6,30, para só terminar o dia gasto em trabalho, refeições, recreios e orações na capela privativa — que é milagre de simplicidade...

As caminhas cor de rosa, nas pequenas camaratas, os «lavatórios» e os quartos de banho tudo revela a mesma etiqueta gentil: simplicidade — uma simplicidade que chega às faltas apontadas pela sr.^a D. Clarisse Romariz:

— Não dispomos de enfermaria nem de farmácia. Além disso, precisamos de adquirir terreno contíguo aos parques de recreio, onde, com a água do poço ali existente, nos libertaríamos da tutela da Companhia das Águas que nos cobra três escudos por metro cúbico...

Nos parques, todos alcandorados, os alegretes debruados de «chagas» têm tonalidades fulvas de aguarela...

A sr.^a D. Clarisse Romariz quer que fique bem expresso:

— Nesta Escola, pretendemos convencer as raparigas de quanto é digno o trabalho da servil que precisa de ser compreensiva e dedicada, para criar um lar em cada casa que lhe dá o pão a ganhar — tão digno, o seu trabalho, como o de outras assalariadas: a da fábrica, a do escritório... E pretendemos, também, preparar cada rapariga para a vida do lar modesto do operário que vem aqui muitas vezes encontrar a esposa dedicada, trabalhadeira, económica e artista no arranjo do lar...

A Casa da Gandarinha funciona há cinco anos — fê-los em 2 de Julho. A experiência é aqui prova de teorias: hoje, temos em Portugal uma escola de serviços, capaz de integrar a empregada doméstica na sua verdadeira função social, apta a desempenhar conscientemente o seu papel no

lar alheio — que era outrora, dentro dos melhores princípios, prolongamento do seu próprio lar. Na Escola Profissional Doméstica há hoje funcionárias escolhidas entre as melhores alunas. E há ainda o princípio de receber, durante o verão, para que a prática melhor eduque as raparigas, pen-

— E assistência médica?

— Certamente que damos. Mal as raparigas chegam, logo ficam sob a vigilância da medicina. Naturalmente que as não submetemos a exames psicológicos, do ponto de vista de escolha de profissão: quem para aqui vem não sofre alternativas — é mulher e só mulher, dentro do lar próprio ou do alheio...

* * *

Mais nada para dizer?

Oh! Não! Há muito que acrescentar — simplesmente o combóio é cronómetro infalível... Tão infalível, pelo menos, como as palavras sacramentais:

— Obrigada...

— Boa viagem...



— Obrigada...

— Boa viagem...

Alargava-se a crise do poder naval inglês no Mediterrâneo

Uma crônica naval de Maurício de Oliveira

OS acontecimentos navais da última semana fornecem alguns subsídios que traçam aspectos novos da guerra sobre os oceanos.

A luta na frente africana e os seus necessários reflexos na batalha do Mediterrâneo vieram reforçar a tese de que o poder naval da Inglaterra naquele mar tem sido sucessivamente enfraquecido, não tanto por acções inimigas «in loco» (a perda do couraçado «Barham» teve a sua importância, muito próxima da do «Ark Royal»), mas pela necessidade que os ingleses têm tido de desviar dali forças mais ou menos importantes para tapar brechas abertas pelos japoneses, noutros mares, ou para reforçar posições que pareciam em grave risco.

É certo que a Armada britânica é uma força de apreciável elasticidade, mas não se deve esquecer que essa elasticidade tem limites, como tudo, aliás. Os navios de guerra ingleses sulcam hoje todos os mares, e é justo lembrar que, durante os cinco meses em que o escudo do poder naval americano não pôde ser oposto, em pleno, aos japoneses, depois do desastre de Pearl Harbour, foi ainda a Armada britânica que, desprevenida para uma luta em que se via quasi sózinha, aguentou em dois pontos, especialmente, o embate do poder naval e aéreo nipónico: junto à península de Malaca e no Golfo de Bengala.

Seria fastidioso e não traria novidade ao leitor, enumerar aqui todos os campos de acção e todas as missões em que a Marinha da

Inglaterra se mostra presente, com todos os seus admiráveis recursos materiais e com o seu excelente pessoal. Mas é precisamente uma ideia de conjunto desse esforço que justifica uma ou outra falha, aqui ou acolá.

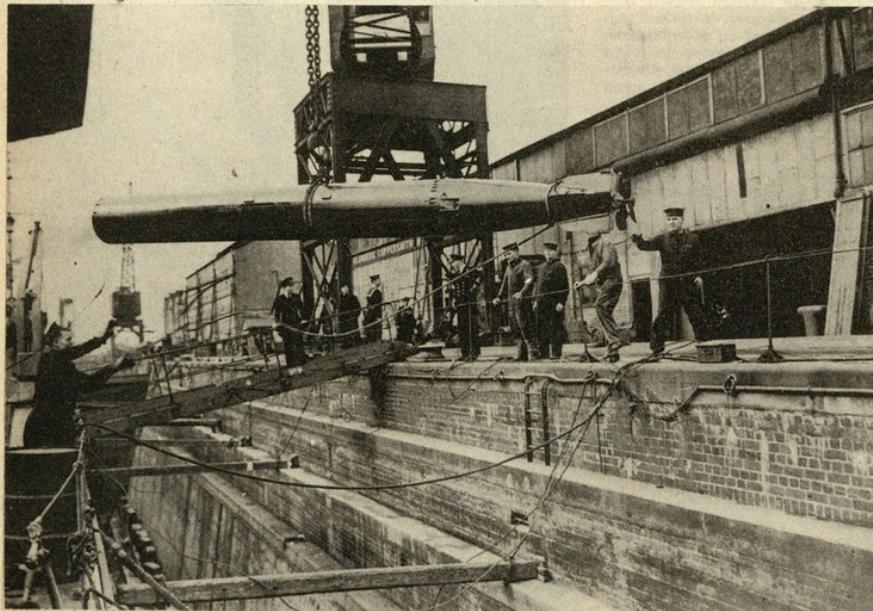
O desenvolvimento da batalha da Líbia revela-nos uma dessas falhas: a impossibilidade de evitar a chegada de reforços constantes para os exércitos do «Eixo». A princípio, supôs-se que os reforços seguiam apenas em grandes aviões alemães, muitos dos quais transportaram, de facto, carros, outro material e homens. Mas os efectivos de blindados germano-italianos revelaram, agora, tal vulto e poder, que já não é possível encerrar senão a hipótese de que muitos e numerosos combóios os transportaram da Sicília para Benghazi e Tripoli. Alguns desses combóios foram atacados e diversos transportes repousam hoje com as suas preciosas cargas no fundo do Mediterrâneo, mas esse esforço não foi suficiente para evitar a nova e violenta investida de Rommel.

Apesar de relativamente pequena, a distância entre o sul da Sicília, Benghazi ou Tripoli, tem sido percorrida com frequência pelos transportes do «Eixo», e a percentagem de travessias, com êxito, deve ser muito apreciável. Foi aqui que a Armada britânica do Mediterrâneo, certamente por escassez dos necessários elementos de exploração aérea e marítima, não conseguiu evitar aquilo que era preciso evitar.

Os reforços para Rommel passaram e, agora, é sobre os desertos que tem de se decidir uma batalha que podia ter sido resolvida sobre o mar. Mas não se devem assacar



A bordo dum submarino alemão no Mediterrâneo, um marinheiro repara uma avaria na T. S. F.



No arsenal de Malta, um contra-torpedeiro britânico carrega torpedos, depois de ter gasto os que possuía.

responsabilidades a uma força naval que, sucessivamente enfraquecida (por diversas razões) navega num mar hostil, salvo raras excepções, desde Gibraltar até ao litoral do Egipto.

Essa circunstância, em contrapartida, faz ressaltar exuberantemente o esforço heróico do reabastecimento de Malta, por meio de combóios que, depois de saírem de Gibraltar têm apenas na sua frente o mar largo, pois não podem contar, para abrigos demorados, com qualquer pórtio dos litorais entre os quais tem de navegar: a Espanha e o Marrocos espanhol, a França e a Itália, a Argélia, a Tunísia...

Apesar disso, Malta nunca caiu. Este facto atesta um esforço de elementos navais e aéreos, de uma vastidão e complexidade, que só o tempo e certas revelações poderão iluminar em toda a sua grandeza.

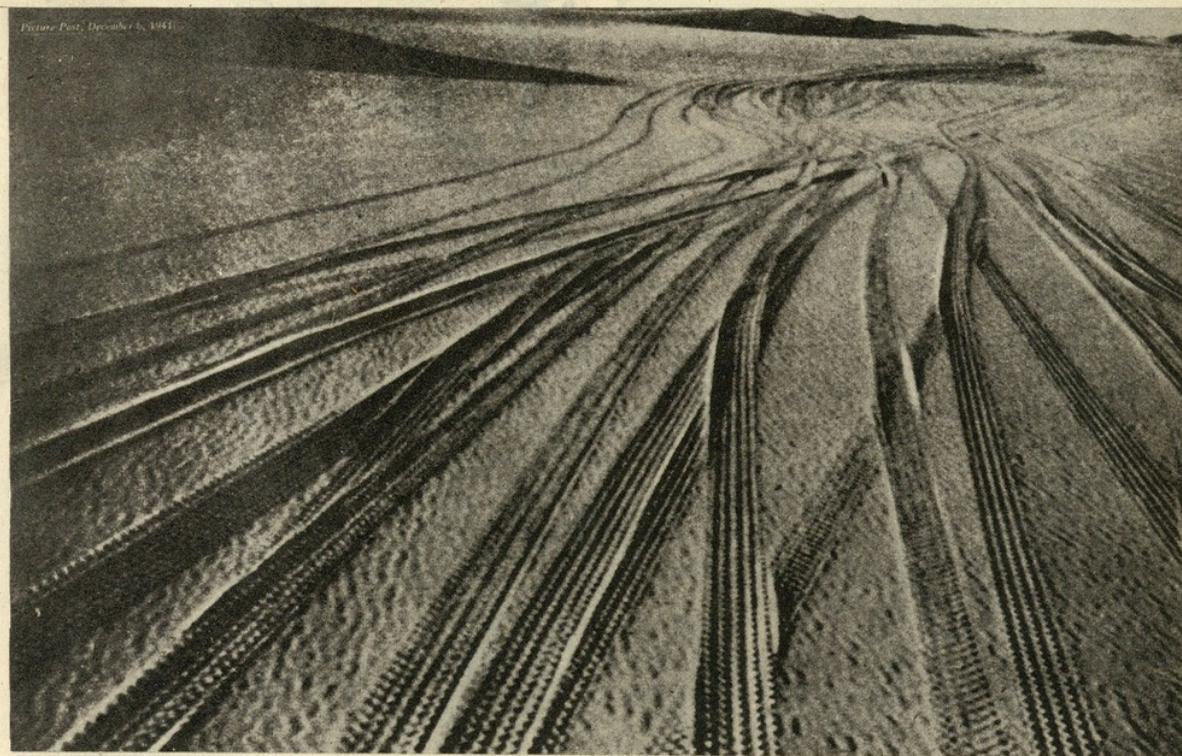
* * *

A queda, quasi desesperada, de Trobuk — que se deu quando já havíamos escrito a primeira parte deste apontamento — vem, como se vê, em reforço do ponto de vista de que estamos em presença de uma crise do poder naval britânico no Mediterrâneo, com todas as suas conseqüências inevitáveis: o

(Continua na pág. 20)



Picture Post, December 5, 1941



É ISTO O DESERTO

É nesta imensidade de areia escaldante, o atrás deserto do norte de África, onde, fulminado por uma temperatura de 50 graus, morre normalmente um homem em cada 24 horas, que os exércitos anglo-americanos de Auchinleck e germano-italianos de von Rommel estão travando uma luta de vida ou de morte pela posse do Egipto e do Canal Suez. Ao inferno da febre e da sede junta-se o inferno da metralha. A morte provocada pelos elementos da natureza, a morte provocada pelas armas manejadas pelos homens...

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

PASSOU antes de ontem, dia 7, o 19.º aniversário da morte de Junqueiro. Nesse mesmo dia o poeta entrava no Olimpo a cuja porta de bronze o aguardava uma multidão de espectros gloriosos. Desde esse momento Portugal teve no Olimpo um novo e eminente embaixador.

Estou a ver Junqueiro, ósseo, cortante, anguloso, o nariz semita, as barbas proféticas, embrulhado num casaco vulgar, um barrete de seda preta enfiado na cabeça à semelhança de certos retratos holandeses. No primeiro instante deu-me fisicamente a impressão, sem dúvida paradoxal, dum São Francisco de Assis — visto por um pintor judeu. Temos de reconhecer que Junqueiro — porventura o maior poeta português depois de Camões — nem sempre foi bem compreendido. Os políticos consideravam-no um poeta; os poetas um político; os católicos um ímpio, os ateus um crente. Para muitos o autor dos «*Simplex*» não passava — e ainda hoje não passa — do centro astral dum grande círculo vicioso iluminado pelo seu génio planetário. Muito se tem dito e escrito sobre Junqueiro. E, entretanto, o estudo largo, completo e imparcial da sua obra e a serena e desapaixonada interpretação da sua vida, estão, em grande parte, por fazer. Oxalá isso se faça, para honra e glória da literatura.

O PRETO DO ATENEU

O porteiro do Ateneu Comercial é um simpático preto. Há tempos realizou-se uma conferência importante entre os membros da Direcção. Em determinada altura alguém perguntou pelo telefone qual tinha sido o resultado da conferência. Resposta do nosso preto: — Dois a zero...

HOMENAGENS

ANTEGOZANDO o sucesso do seu próximo livro de novelas *Miquelina*, Augusto da Costa foi homenageado uma tarde destas com um «café de honra», na *Brasileira* do Chiado. Associamos à homenagem, da iniciativa do seu editor, o nosso amigo Francisco Franco de São Domingos, com este quadradinho de açúcar...

TRISAVÓ

A propósito dum éco publicado nesta página acerca de Acúrcio Pereira — bisavó, escrevem-nos os seus correligionários da rua da Quintinha informando-nos de que o ilustre jornalista não tem dois netos — mas três. E, por consequência, trisavó. Com pouco mais de 20 anos é bonito, não é?

OS FARAÓS E OS ABRIGOS

JOSÉ Cândido Godinho dizia outro dia: — Aqueles Faraós eram previdentísimos. Imagine-se que, já prevenido os actuais bombardeamentos aéreos, mandaram construir as pirâmides do Egipto para abrigos...

UM MESTRE DA MÚSICA



Por eternas paragens deliciosas,
Vagueei, tocando, súplicas sem fim.
Do céu distante, arqueado sobre mim,
Desci, sorrindo, as minhas mãos ansiosas

Não foi em vão que procurei assim
Dar vida às minhas ambições nervosas:
Trocaram-se os espinhos pelas rosas
E à minha volta abriu-se um jardim.

Tudo encontrei, tudo que ansiava.
Do meu destino fui o soberano
Fabriquei notas... Dó ré mi ré dó...

Encontrei sempre o que buscava
E oiço eternamente o meu piano:
Tró lá ró... Tró lá ró... Tró lá ró...

REGISTO LITERÁRIO

A Calçada da Glória recebeu e regista os volumes seguintes: *D. Carlos e os Vencidos da Vida*, de Francisco de Oliveira Martins, livro curiosíssimo em que se estabelecem, com sugestivo interesse para a história literária e política do último quartel do século XIX, as relações entre a corte e o célebre grupo lisboeta; *Um livro de graça*, em cujas páginas Armando Ferreira nos oferece uma excelente cura para o figado e para as crises neurasténicas; *Zolá*, de Edgar Marques, pequeno mas concituoso estudo acerca do grande

romancista francês; *Hollywood em Lisboa*, reportagem de incontestável interesse feita por Fernando Fragoso — sorriso inteligente numa face bochechuda de bebé — e na qual passam algumas das mais célebres vedetas internacionais; *Estados- Unidos, 1942*, conferência muito sugestiva de Joaquim Paço d'Arcos em que ele nos conta — e com que poder de observação — as suas impressões sobre a América do Norte; e *João de Deus*, pequeno opúsculo escrito, com clareza, por António Maria Pereira Júnior, filho do conhecido editor António Maria Pereira, e em que se mostra que filho de editor sabe editar...

MUSA INSPIRADORA

SOLICITAMOS da distinta poetisa sr.ª D. Oliva Guerra um soneto para acompanhar o *portrait-charge* de Vianna da Mota de quem a autora da *Serenidade* é uma convicta admiradora. Não pôde a sr.ª D. Oliva, preocupada com a Guerra, satisfazer o nosso desejo, mas — confessamo-lo — foi o seu espírito que nos inspirou... Daqui lho agradecemos.

OUTRA DO MESMO

ESTE mesmo preto — o Miguel como é conhecido — esteve há dias numa bicha para compra de selos fiscaes — supondo que era para o petróleo...

VEJETAS

REALIZOU-SE recentemente no *Variiedades* a festa da cantadeira de fados Amália Rodrigues. O camarim chegou-se-lhe de flores e a melhor sociedade de Lisboa assistiu ao espectáculo.

Depois disto ainda haverá que afirmar que o bom teatro está decadente?

ASSIS PACHECO

O conhecido actor Assis Pacheco apareceu ontem no Chiado com um casaco de linho branco. Não há dúvida: começou o verão.

ACTIVIDADE

MANUELA Azevedo, distinta colaboradora da «*Vida Mundial Ilustrada*», tem em preparação 14 peças e 22 livros de versos.

Avizam-se os editores.

«BOX»

O «box» no Campo Pequeno tem atraído àquela turístico recinto alguns milhares de pessoas. Diz-se que, para corresponder ao interesse do público, vai haver «boxeurs»... de morte.

STÉLIO GIL

ESTE nosso velho amigo e camarada, autor de algumas obras teatrais de êxito, tem em preparação, neste momento, 39 peças...

Saüdemos Stelio Gil... Vicentel!

O ESTRATAGEMA

O escritor e empresário Luiz Galhardo — nome que sempre recordamos com saúde — teve um criado, que depois foi actor, e que não era positivamente um génio. Uma noite este santo varão dirigiu-se a Luiz Galhardo e exclamou, com a maior naturalidade do mundo: — V. Ex.ª, em querendo, pode-se deitar. O estratagemma já está em cima da cama...

O estratagemma era o pijama.

Luiz S. Oliveira Guimarães



Rommel na Frente



FOTOGRAFIAS RECENTES do novo feld-marechal Rommel tiradas durante as batalhas da Líbia e do Egípto. Em cima, à esquerda, dirigindo as operações num posto de observação, rodeado de oficiais italianos e alemães. Em baixo, à esquerda, entrando para o seu automóvel (cujo vidro do pára-brises se vê estilhaçado, depois dum «raid» inimigo no deserto). Em baixo, à direita, condecorando um príncipe árabe que combate ao lado das forças do «Eixo».

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XI - Aguias sobre o Mediterrâneo

3

O INCIDENTE DO IRAK

A intervenção do Reich no Mediterrâneo precisou-se ao longo de todo o primeiro semestre de 1941. Primeiro na Líbia com o envio do corpo de tropas especializadas conhecido pela designação de «África Korps»; depois na segunda campanha dos Balcãs, de que se tratará noutro capítulo deste trabalho; por último no Próximo Oriente, nos incidentes ocorridos no Irak e na Síria. Sob o ponto de vista militar, esta intervenção traduziu-se numa colaboração mais apertada entre as duas potências do «eixo». A campanha do general Wavell teve como consequência imediata a descida dos alemães até ao sul da Europa e uma acção decidida das suas armas nos países, da península balcânica, no norte de África e do Próximo Oriente, que marginam o Mediterrâneo.

No norte de África a intervenção alemã conduziu, de novo, as tropas britânicas à fronteira do Egipto; mas com a resistência encarniçada da praça forte de Tobruk e por virtude das condições do terreno e do clima, não foi possível ao general Rommel ir mais além, realizando a sua intenção inicial que consistia em penetrar no Egipto e alcançar o Suez; nos Balcãs, primeiro a diplomacia e em seguida as armas do Reich conseguiram o seu objectivo que consistia em afastar os ingleses do continente europeu; finalmente no Próximo Oriente, a Grã-Bretanha conseguiu ganhar a partida numa corrida de velocidade em que a sua supremacia da guerra colonial e a superioridade dos seus meios navais surgiram em plano de relêvo e decidiram da contenda.

Dois dos países englobados naquela designação, o Irak e a Síria, foram teatro de incidentes de certa gravidade e ter-se-iam tornado, certamente, em mais um centro poderoso de hostilidade contra a influência britânica, se não houvessem sido tomadas, pelo governo de Londres e pelas autoridades militares locais, providências enérgicas que restabeleceram, no curto prazo de algumas semanas, uma situação que se tornava extremamente perigosa. Além de ser, sob o ponto de vista geográfico, uma posição de importância vital, a zona que abrangia aqueles países, é rica em jazigos petrolíferos. A sua posse seria para o Reich um trunfo decisivo dado que a falta de carburantes é uma das dificuldades com que este país tem lutado para continuar eficazmente a guerra.

A INTERPRETAÇÃO DUMA ALIANÇA

No dia 3 de Abril de 1941, deu-se na cidade de Bagdad, capital do Irak, país aliado da Grã-Bretanha, um golpe de Estado. Acabava de chegar ali um novo representante britânico, Sir Kissaham Cornwallis, e o episódio revestiu-se de incontestável significado. O parla-

mento iraquiano estava em férias. O regente, Emir Abdul Ilah, durante a menoridade do rei, estava ausente da capital; o mesmo acontecia com o chefe do governo, general Taiba el Hashiasi. O golpe de Estado, realizado por oficiais da guarnição da capital iraquiana e especialmente por oficiais da arma da aviação, entregou o poder a um antigo chefe do governo, conhecido pela sua actividade invulgar, Saïd Rashid Ali el Gailani.

Qual era o pensamento verdadeiro desses oficiais ao tomarem a iniciativa do golpe de Estado de Bagdad? As repercussões da guerra

europeia, que evoluçionava claramente no sentido duma conflagração mundial, alcançaram o Irak. Era natural que ao abrigo das suas repercussões os elementos activos da força armada iraquiana procurassem dar ao seu país uma posição preponderante, libertando-o dos compromissos assumidos em consequência da aliança firmada com a Inglaterra. No seu espírito formou-se a convicção de que a Alemanha e a Itália não deixariam de os assistir quando surgisse, para isso, a necessária oportunidade.

O golpe de Estado, dadas as condições em que ocorreu, não teve qualquer opposição. O chefe do governo, general Hashiasi, refugiou-se no estrangeiro, depois de ter formulado um protesto platónico contra o acto de força praticado. O mesmo fez o regente, Abdul Ilah, que se fez transportar de avião à Transjordânia, onde seu tio reinava. Também os elementos mais categorizados do exército e da política, conhecidos pelos seus sentimentos pró britânicos, e entre eles o general Nuri Pasha es-Said, deixaram apressadamente o país. O movimento, caracterizadamente militar, era chefiado pelo general Amir Zaki, chefe do Estado Maior, que dirigiu uma proclamação ao povo iraquiano, acusando o regente de ter procurado diminuir a influência e a popularidade do soberano, o pequeno rei Faïçal II, trabalhando contra os interesses do exército e da unidade nacional. Em poucos dias as posições dos partidários e dos adversários do novo estado de coisas precisaram-se em relação estreita com a evolução da situação internacional.

AGRAVAMENTO DE RELAÇÕES

Logo que tomou conta do poder, o chefe do novo governo, Rachid Ali, que mantinha estreitas relações com o Grande Mufti de Jerusalém, adversário irreconciliável da Grã-Bretanha, fez uma declaração formal sobre a natureza das relações entre os dois países. Afirinou que o Irak estava firmemente decidido a cumprir todas as obrigações que o tratado de aliança implicava. Em Londres formara-se, porém, a convicção de que os actos de Rachid Ali não correspondiam às suas palavras. Uma reunião do parlamento iraquiano, à qual não compareceu um grande número dos seus membros, resolveu destituir o regente e nomear para o substituir um outro membro da família real, Sherif Sharaf. Mas as divergências anglo-iraquianas tornaram-se mais evidentes quando o representante da Grã-Bretanha pediu o afastamento do ministro da Itália em Bagdad, Gabbríeli, que os ingleses acusavam de manter uma actividade contrária aos interesses do seu país. Estas circunstâncias levaram o governo de Londres a manifestar uma relutância crescente quando se tratou de reconhecer oficialmente a nova situação política criada no Irak e cuja origem fora um golpe de Estado ilegal e anti-constitucional.

Por isso as autoridades britânicas resolveram pôr à prova os verdadeiros sentimentos do novo governo iraquiano, pedindo o cumprimento integral do tratado de aliança e a concentração de tropas em determinados pontos do território do Irak. Em 19 de Abril, realizou-se em Basra o primeiro desembarque dessas tropas que tive-



O general francês Catroux

ram um acolhimento cordial por parte da população. Quanto à atitude das autoridades iraquianas, um comunicado publicado em Londres referia-se a ela nestes termos: «A atitude das autoridades militares do Irak na execução destes movimentos de tropas produziu em Londres uma impressão muito favorável. Essa atitude leva à convicção de que brevemente será possível estabelecer em melhores bases as relações entre os dois países».

Tratava-se apenas de aparências que as realidades não tardariam a desmentir. Do lado inglês procuravam não agravar a situação, considerando que eram diminutas naquela altura as forças britânicas que se encontravam no país; do lado iraquiano esperava-se que o concurso das potências do «eixo» pudessem concretizar-se, de maneira efectiva, pelo envio de tropas ou pelo menos de aviação que auxiliasse os militares do Irak na sua resistência às pretensões britânicas.

A LUTA E O SEU DESENLACE

Sir Cornwallis, que alimentava um vivo sentimento de desconfiança em relação ao governo de Rachid Ali, só informou este do desembarque próximo de novos contingentes britânicos no dia 28 de Abril, quando os transportes que os conduziam se aproximavam já do porto de Basra. Rachid Ali declarou, então, que não consentiria em novos desembarques de tropas britânicas enquanto as que já ali se encontravam não tivessem abandonado o território nacional. O governo de Bagdad publicou um comunicado anunciando que a Grã-Bretanha não cumprira as cláusulas do tratado de aliança e que este devia, portanto, considerar-se denunciado. Em seguimento desta resolução, um oficial do exército iraquiano comunicou ao comandante do centro aerónautico de Habbaniya, onde se treinavam vários pilotos sob os ordens de oficiais ingleses, que estes deviam abandonar imediatamente o local, cessando toda a sua actividade. «Em caso de necessidade, acrescentou o delegado iraquiano, as decisões do meu governo serão mantidas pela força». Esta declaração foi seguida dum acto de força que colocou em posição delicada os súbditos britânicos que se encontravam não apenas no referido aeródromo mas espalhados pelo território iraquiano.

Em 2 de Maio, iniciaram-se as hostilidades por um ataque a Habbaniya. O aeródromo e as instalações onde se encontravam abrigados os oficiais britânicos que ali prestavam serviço foram atacados. No dia 4, os contingentes que vinham a caminho do Irak, desembarcaram em Basra, apoderando-se das instalações do porto e do aeródromo que fica nas suas proximidades. A resistência inglesa em Habbaniya prolongou-se durante alguns dias e acabou por levar de vencida os soldados iraquianos. Os ingleses, depois de terem libertado o aeródromo, cercaram e ocuparam Fajja e Rutha, ficando assim com o «controle» efectivo do «pipe-line» que conduz o petróleo de Mossul. Nesta acção a R. A. F. desempenhou um papel decisivo. A presença de importantes forças da aviação britânica convenceu, rapidamente, a população de que a continuação da luta não podia conduzir a qualquer resultado favorável. As contrações de tropas iraquianas foram violentamente atacadas e dispersas.

Ao fim dum mês de operações, a campanha podia considerar-se terminada. Em 1 de Junho, os ingleses entraram em Bagdad, e em 4 ocuparam Mosul e Kirkuk. Rashid Ali abandonou o território nacional e o regente Abdul Ilah regressou a Bagdad, onde se constituiu, sob a presidência de Nuri Pasha, um governo de tendências anglofílicas.

O INCIDENTE DA SIRIA

Em seguida ao colapso da França, em Junho de 1940, o governo britânico fizera uma declaração formal sobre a situação na Síria. Segundo essa declaração, o governo britânico não consentiria que, no futuro, a Síria e o Líbano viessem a ser utilizados pelas potências do «eixo» para actos de hostilidade contra a segurança imperial. Em Maio de 1941, o governo britânico renovou esta declaração e deu dela conhecimento ao governo de Vichy por intermédio do representante norte-americano nesta cidade, utilizando assim uma via diplomática regular.

Os ingleses afirmavam de que, em relação



Raschid Ali Gailani, Primeiro Ministro do Iraque

ao seu país, a atitude das autoridades francesas na Síria era perigosa e equívoca. A acusação de que em território sírio haviam desembarcado tropas alemãs opôs sempre o governo francês o mais categorico desmentido. A acusação não pôde ser confirmada do lado inglês nem as informações de fonte neutral a confirmaram. Mas as notícias de origem turca, em apoio da tese inglesa, davam conta da passagem frequente, sobre território da Turquia, de aviões do «eixo» que se dirigiam à Síria, em cujos aeródromos ateravam. Esses aparelhos, ainda segundo as mesmas informações, transportavam geralmente técnicos e turistas de origem alemã.

Em 28 de Maio, o governo britânico deu ordem aos seus representantes consulares em Damasco, em Beirute e em Alepo para abandonarem estas cidades. Como medida de represália, os consules franceses deixaram Jerusalém e Haifa. No dia seguinte, o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, fez uma declaração nos Comuns sobre o assunto. Afirmou que os acontecimentos na

Síria estavam directa e intimamente relacionados com os que tinham ocorrido no Irak, e que uns e outros faziam parte dum plano geral que, favorecido pelas potências do «eixo», visava a criar um estado de revolta latente em todos os países árabes contra a influência britânica. A declaração do sr. Eden fora feita depois de um acordo estabelecido com os dirigentes do movimento da França Livre. Nas conversações estabelecidas desempenhou papel de relevo o general Catroux, que conhecia perfeitamente os problemas relacionados com a situação na Síria e no Líbano. Os incitamentos a uma acção imediata e decisiva chegavam ao governo de Londres não apenas da parte dos partidários do general De Gaulle mas também da parte dos representantes de alguns Domínios, os quais consideravam que a questão da Síria devia ser liquidada rapidamente para evitar que ali se criasse um novo centro de actividade anti-britânica.

OS PREPARATIVOS PARA O ATAQUE

No dia 7 de Junho, tudo estava preparado para desencadear a acção prevista. O general De Gaulle chegara, de avião, a Haifa na companhia do general Catroux. O general inglês Sir Harry Maitland Wilson fora colocado à frente das tropas britânicas que estacionavam na Palestina, cujos contingentes foram poderosamente reforçados. No Irak também tinham sido feitas importantes concentrações de forças blindadas e de aviação, as quais iam entrar em acção rapidamente. No dia 8, as forças franco-britânicas, superiormente comandadas pelo general Wilson, atravessaram a fronteira da Síria. Nelas figuravam contingentes de ingleses, australianos, indianos e franceses livres, estes últimos comandados pelo general Le Gentilhomme.

Uma das colunas, por que essas forças se repartiam, operava a leste do Jordão, avançando em direcção a Damasco; a outra tinha por objectivo imediato o importante centro de comunicações de Rayak, onde existia um aeródromo e um importante depósito de munições; havia ainda uma terceira coluna que seguia ao longo da costa a fim de, com o auxílio da esquadra, alcançar o mais rapidamente possível a cidade de Beirute. Duas declarações, uma do governo inglês outra dos franceses livres, explicavam a atitude tomada. Uma proclamação do general Catroux anunciava a intenção da França Livre de restaurar a independência da Síria. O governo de Vichy protestou enérgicamente contra a atitude da Grã-Bretanha numa nota entregue pelo almirante Darlan ao embaixador dos Estados Unidos. A nota do governo de Vichy declarava que «não houvera nenhuma espécie de colaboração entre franceses e alemães na Síria e que o material e o pessoal alemão que neste país se tinham concentrado durante os acontecimentos do Irak haviam abandonado o território sírio». Apenas dois ou três aparelhos alemães avariados e cerca de dez homens das suas tripulações tinham permanecido ali. O governo de Vichy afirmava, ao mesmo tempo, o propósito inabalável de defender o território da Síria contra a invasão, quaisquer que viessem a ser as consequências desse acto.

Os ingleses replicaram em nota diplomática, na qual afirmavam que a acção militar ordenada se fundamentava em factos concretamente averiguados e não em simples hipóteses. Esta nota terminava pedindo ao governo do mariscal Pétain para não dar ordem às tropas francesas da Síria para oporem uma resistência desesperada ao ataque britânico, pois essa decisão apenas se traduziria por um inútil derramamento de sangue e pelo agravamento das relações entre os dois países.

A RESISTÊNCIA FRANCESA

A resistência francesa fora confiada ao Alto Comissário, general Dentz. As forças franco-britânicas que entraram na Síria tinham ordem para estabelecer contactos estreitos com as autoridades locais a fim de se evitar, tanto quanto possível, um conflito sangrento. Entretanto era do conhecimento geral que o general Dentz se preparava para todas as eventualidades e que esta circunstância ia pesar decisivamente na marcha dos acontecimentos. Quando os australianos penetraram no vale de Merj Ayoun, foram vivamente alvejados. Um correspondente de guerra descreve assim o

(Continua na pág. 16)

3 MINUTOS POR DIA

COMECE JA A FAZER UMA APLICAÇÃO TODOS OS DIAS.

Apenas 3 minutos por dia salvarão, durante anos, a vossa bela cabeleira

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Com os seus 22 elementos cientificamente escolhidos, prevê todos os casos de queda do cabelo.

ATENÇÃO, O

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

não é um produto novo, de última hora. Inúmeros atestados médicos, e milhões de frecos, vendidos em muitos anos, garantem a sua eficiência

Vida
MUNDIAL.

panorama internacional

Os Braços da Tenaz

por Francisco Velloso

Na mensagem que dirigiu à Nação para celebrar, no dia 4, o Dia da Independência, o presidente Roosevelt recordou que jamais, desde a famosa proclamação de Filadélfia, esta comemoração foi feita em época tão perigosa para o ideal que ela representa. Os historiadores americanos mais sérios costumam, na verdade, comparar a hora de Franklin Roosevelt à hora de Abraão Lincoln.

E as palavras do chefe de Estado dos Estados Unidos podem aplicar-se às mesmas graves conjunturas em que vivem outros povos, quando a guerra e a situação internacional entraram naquela fase, há muito pronunciada, de decisões em cujo desfecho o mundo aguarda a liberdade e a justiça.

O REGRESSO DE CHURCHILL



CHURCHILL

Churchill regressou de Washington num dos últimos dias de junho. A notícia oficial foi publicada a 27. A conferência terminara com uma declaração conjunta do presidente norte-americano e do primeiro ministro inglês, nesse dia, a qual marcou o pleno entendimento dos dois governos sobre o objecto dominante nos trabalhos: objecto que se pretendia alcançar e era o de obter a máxima concentração de potencial de guerra aliado sobre o inimigo e ver todas as medidas conjuntas que sejam necessárias aplicar para desenvolver e sustentar o esforço de guerra das Nações Unidas. Firmára-se inteira compreensão e harmonia em todos os factos e medidas relativas à vasta e grave tarefa que se apresentava e apresenta diante dos Aliados.

Early, o secretário da Casa Branca esclarecia que se tratava do problema das construções navais e do aproveitamento dos navios. A 26, citavam-se «conferências muito longas e importantes» com o embaixador russo Litvinof, e entre chefes militares ingleses, norte-americanos e russos «sobre a alta estratégia a seguir para ganhar a guerra». O ambiente de perturbação que se formara em torno da capitulação brusca de Tobruk, não atingira os Estados Unidos. A conversa ou troca de impressões do estadista inglês com os *leaders* do Congresso concluiu com manifestações de confiança. A declaração comum antepunha a todas as urgências a de se restabelecer com a liberdade e a

maior brevidade possível o curso da navegação entre a América e a Inglaterra, assaltada com «pesadas perdas» pelos submarinos inimigos do almirante Donitz.

Como se sabe, a Conferência de Washington abriu no gume de uma interrogação por assim dizer instantânea: — o *Daily Express*, órgão de Beaverbrook, que fora o primeiro a gritar alarmes, reproduzira do *New York Times* a versão de que, ante o propósito de Churchill, de se conseguir imediata redução das perdas em navios mercantes antes de abrir uma Segunda Frente, para evitar todas as possibilidades de malogro; Roosevelt, contudo, pedia urgentemente acção em resultado do sentimento crescente de que se não estava a fazer o melhor uso possível dos potenciais humano e material existentes nas Nações Unidas, e especialmente dos milhões de soldados e da considerável quantidade de material que é conservada sem aplicação na Grã-Bretanha, enquanto os outros teatros de guerra sofrem de falta de abastecimentos e reforços.

A precipitação dos acontecimentos do norte de África deveria ter colocado em pé de igualdade os dois pontos de vista, e obrigado a rigoroso balanço do potencial das duas forças adversárias. A produção de munições deixara ambos os homens de Estado satisfeitos. Os conselheiros militares procederam à revisão dos planos para combater o Japão e aliviar a China. No entanto, a declaração dava nitida primazia ao objectivo do presidente britânico: «Reconhece-se que a guerra submarina feita pelo «Eixo» continua a provocar perdas consideráveis, mas que a produção dos estaleiros navais aliados aumenta de mês para mês. Pode esperar-se que graças à estratégia naval preparada pelas duas marinhas, as perdas se reduzam no futuro».

Para atacar este grave problema (o grande quartel alemão informava, por exemplo, no dia 24, o afundamento de 102 mil toneladas em águas americanas) haviam sido adoptadas e assentes duas ordens de medidas: — acelerar a execução dos programas de construção naval na Inglaterra e na América, concentrar a protecção aérea e naval aos comboios num certo número de rotas.

A Conferência encerrava-se, porém, sob o signo dramático do desastre britânico na Líbia, e às portas do Egipto, e os sucessos entravam em caudal, formulando uma intimação: — a de que não mais era possível aos Aliados manterem a ritmo lento uma guerra diante de um adversário que vencia o tempo com inteligente audácia. Esta verificação meridiana produziu uma vasta e inabalável reacção nos Estados Unidos. Churchill poderia dizer aos Comuns dias depois que fora essa reacção que o amparou, porque «os americanos não são ami-

gos de ocasião». Essa reacção indubitavelmente vigorosa, exprimiam-na bem dois homens. Mackenzie King, o grande chefe do Canadá, ao voltar para Otawa afirmava: «Nunca desde que a guerra rebentou as Nações Unidas foram tão poderosas e bem organizadas como actualmente. Os nossos reveses têm principalmente o significado de poderem tornar mais tardia a vitória». Sneyder, Presidente da Sub-Comissão da Câmara dos Representantes para os assuntos militares, declarava o seguinte, pouco antes da partida de Churchill: «A segunda frente será aberta antes do próximo Inverno e as tropas aliadas levarão armas e equipamentos não só para elas como também para as populações dos países ocupados. O Egipto resistirá e a batalha do Egipto será completamente eclipsada pela batalha na segunda frentes».

O EGIPTO E WESTMINSTER



BEAVERBROOK

No dia 1, abria-se o debate na Câmara dos Comuns, e a forma como ele foi estabelecido não é de esquecer nestes apontamentos de factos. O comandante King-Hall perguntou se não seria mais útil adiar a discussão até findar a batalha do Egipto. O porta-voz dos dissidentes, Wandlaw Milne surpreendeu-se com tal proposta e apelou para que o governo se pronunciasse sobre ela.

Então Churchill, que a Câmara aclamara ao entrar, revirando a ponta da espada oposicionista, declarou que uma vez escandalosamente divulgada por todo o mundo a moção de desconfiança — a que chamou de censura — «seria mais injurioso demorar a decisão, do que resolvê-la». Desde este momento, a Câmara ia manifestar a sua votação, não sobre a confiança no governo, mas sobre a moção que o censurava, e a oposição ficava encostada à parede: — ou arrastava a maioria ou cobria-se de odioso anti-patriótico de provocar uma discussão em plena batalha, travada num momento que Churchill denominaria no dia seguinte de «perigo mortais». E o civismo britânico não tolera coisas destas.

O grupo trabalhista, tomada desde o dia 30 uma posição leal, deliberando não pedir o inquérito, de que aliás não desistia, acerca da batalha da Líbia. A imprensa alinhava ostensivamente contra a investida oposicionista atrás duma divisa: «é mais urgente encarar a situação militar do que a situação política».

Os cabeças do movimento foram o já citado Wandlaw Milne e o azedo almirante Roger Keyes, o herói de Zeebrugge, recém-demittido do

comando das forças combinadas. Respondeu-lhes o ministro da produção Lytletton. E deve dizer-se que nem aqueles nem este sobrelevaram a magnitude do tema. Wandlaw Milne e o almirante Keyes, quasi repetiram generalidades. Lytletton preferiu historiar o esforço britânico, tirando um exército do nada; mas aceitando a delimitação estrita do debate nas perguntas que lhe haviam sido dirigidas, confinou-se em meias afirmações, mesmo assim reservadas, declarava o seguinte, pouco antes da partida de Churchill: «A segunda frente será aberta antes do próximo Inverno e as tropas aliadas levarão armas e equipamentos não só para elas como também para as populações dos países ocupados. O Egipto resistirá e a batalha do Egipto será completamente eclipsada pela batalha na segunda frentes».

comando das forças combinadas. Respondeu-lhes o ministro da produção Lytletton. E deve dizer-se que nem aqueles nem este sobrelevaram a magnitude do tema. Wandlaw Milne e o almirante Keyes, quasi repetiram generalidades. Lytletton preferiu historiar o esforço britânico, tirando um exército do nada; mas aceitando a delimitação estrita do debate nas perguntas que lhe haviam sido dirigidas, confinou-se em meias afirmações, mesmo assim reservadas, declarava o seguinte, pouco antes da partida de Churchill: «A segunda frente será aberta antes do próximo Inverno e as tropas aliadas levarão armas e equipamentos não só para elas como também para as populações dos países ocupados. O Egipto resistirá e a batalha do Egipto será completamente eclipsada pela batalha na segunda frentes».

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. *Ataca o mal na origem*, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

de pé e em termos de não poder ser provocada a votação.

Na Câmara dos Lords, o quadro repetiu-se. Adisson, criticando sem demonstrações de factos, a condução da guerra, declarou que a Inglaterra havia menos «tanks» e canhões do que a Alemanha, o que trouxe à discussão o «homem dos «tanks» e das balas», Lord Beaverbrook, varrendo a testada, e afirmando: «Não hesito em dizer que temos mais «tanks» do que os alemães e os italianos juntos». Lord Cranborne intervinha seguidamente para proclamar uma verdade sabida: — que a situação é melhor que a de 1940.

No entanto, nem Wanderlaw Milne, nem Keynes, nem Greenwood, que falara rapidamente depois deles, nem os Lords, usaram propor a substituição de Churchill. «Nada pode ser feito na presente situação póde fora os chefes que conduzem a guerra», escrevia o *Daily Herald*. E o *Times*: «É a vitória do Egipto e não a de Westminster que interessa à nação».

No dia 2, a disputa renovou-se para rematar, já neste ambiente. Bevan, um trabalhista independente, quis reatar a catilinaria de Wandlaw Milne na véspera. O coronel Elliot, antigo ministro da guerra conservador e o major Furness, liberal, acudiram por Churchill mas exceptuando a geral orientação do gabinete. Então, como a vibrar «le coup de Jarnac», ergueu-se Garro Jones, o porta-voz trabalhista, e medindo o grupo confuso donde irrompera a iniciativa do debate, como a denunciar a velha retaguarda política do antigo tempo, disse sem rodeios: «Os sinatários da moção pertencem a uma classe com pontos de vista diametralmente opostos aos nossos em todas as questões que afectam a vida nacional. Votamos contra a moção».

Hoare Belisha apareceu nesse momento de canto, quasi à surrelfa, a explicar que não se pretendia a derrota do governo, mas que se entrasse numa acção efectiva que não disse qual seja; e já em fuga, admitindo que 50 deputados votariam a favor da moção, tentou esclarecer que se tratava apenas de um gesto de estímulo. A causa estava encerrada. Churchill podia falar. E falou para aquelas regiões mundiais onde a moção de censura fizera oscilar a confiança na Inglaterra.

A CRUZ DE CHURCHILL



RITCHIE

Supomos que foi esse um dos dias mais amargos da vida do grande homem de Estado, mas cremos também em que foi o de uma das suas maiores vitórias parlamentares e políticas, ou, como disse

Perry Harris, o da sua consagração, «porque ele jamais teve nos períodos mais críticos desta guerra um momento de fraqueza». Inegavelmente, a posição de Churchill, e tudo quanto ele disse com aquele sabor de eloquência que o ergue à altura de uma das primeiras personalidades do nosso tempo, não esbate o problema central, a que tantas vezes nos temos reportado, da condução mais lenta e menos audaciosa da guerra, por parte dos Aliados, perante um inimigo que a sabe dirigir com inexcédvel competência e senso de oportunidades.

Todavia, o «Velho Winston» contribuiu para esclarecer a opinião

mundial com elementos dignos de peso na balança onde há-de ajustar-se o gráu das responsabilidades históricas, a homenagem às tropas aliadas e aos seus melhores chefes, os pró e os contras duma luta derramada por todos os continentes.

E teve razão em dizer que só as instituições liberais da Inglaterra poderiam ser postas à prova de um debate como este, resposta admirável das democracias anglo-americanas às acusações dos regimes totalitários, ou autoritários, e da própria Inglaterra áqueles que, sem a conhecerem, lhe lançam o dardo de ridículas culpas presentes e futuras.

Havia qualquer coisa de triste na alma do grande orador ao apontar as conseqüências da campanha dos «clans» opositoristas, (ainda andam jornalistas ingleses pela América a pregar a paz branca, entre os quais Freda Utley, cujo artigo, aliás brilhante, no «Common Sense», foi logo reeditado pela propagação alemã) sobre o governo e sobre o prestígio da Inglaterra: «Tudo isto foi espalhado pelo cabo e pela rádio para todas as partes do Mundo, para penalizar todos os nossos amigos e deliciar todos os nossos inimigos. Sou favorável a esta liberdade que nenhum outro país usaria ou ousaria usar em tempos de perigo mortal como este que atravessamos».

Recordando, porém, o indisputável valor da campanha da Líbia há 8 meses, para o colocar vindicadamente em contraste com o desastre actual que completamente transformou a situação não só na Cirenaica e no Egipto, mas em todo o Mediterrâneo», Churchill desdobrou diante da consciência cívica do povo inglês a gravidade da conjuntura: «O efeito destes acontecimentos na Turquia, na Espanha, na França e na África do Norte francesa, não pode ainda ser avaliado. Estamos neste momento em presença de uma concentração das nossas esperanças e perspectivas no Médio Oriente e no Mediterrâneo, sem igual desde a queda da França».

Escreviamos há pouco que a batalha do Egipto criara aos Aliados a hora mais grave depois de Dunquerque. Não errámos, como se vê, no cotejo, e com pena o dizemos. Depois, veio Tobruk e a sua inesperada capitulação. Houve quem tentasse explicá-la. Houve quem a filiasse num golpe estratégico. Quanto a nós, o facto, salvas responsabilidades de comando local, tem origem somente na rapidez fulminante do assalto do general alemão, que tem alma e rasgo de fronteiro em algarradas. Churchill preferiu remeter o processo a tribunal futuro. E faz bem. A Ritchie, substituído por Auchinlek, nunca ninguém negou bravura, e acaba de ser condecorado. A guerra na África do Norte já devorou dois generais ingleses: Cunningham e Ritchie.

Mas Churchill não ocultou a posição difícil em que se encontrou em Washington a partir de 21 de junho, a sua dor, que os chefes sentem como ninguém em semelhantes transes (quando são da sua estirpe e grandeza), posição agravada pela irrupção do assalto político inglês contra ele, que se repercutia na própria imprensa norte-americana. «Só a minha inabalável confiança nos laços que me prendem à massa do povo britânico, me amparou nesses dias de provação» — exclamou.

E grato quis recordar: «Estes rumores, vindos de Inglaterra, não prejudicaram a obra que tinha entre mãos, apenas pelo facto de os nossos amigos americanos não serem amigos de ocasião e nunca terem esperado que a guerra fosse curta ou fácil, ou que no seu curso

não houvesse lamentáveis infortúnios».

Um crónista da sessão parlamentar, notava que, neste passo do discurso, a voz de Churchill não tremia, mas que empolgara definitivamente a Câmara.

«CADA VOTO CONTA»



ROMMEL

Churchill foca de seguida os trabalhos da Conferência de Washington. Reservado o segredo das resoluções, ele, no entanto, revelou que os dois presidentes não trataram de mais nada ou quasi nada se não dos movimentos de tropas, navios, canhões e aviões e das medidas a tomar para enfrentar as perdas no mar e substituir e mais do que substituir a tonelagem afundada.

A questão das retaguardas marítimas, isto é das Comunicações para abastecimento, é assim colocada, a par das da produção, em plano primordial, como o estômago são em função da alimentação normal de um individuo. Do grau do esforço necessário para restabelecer essa normalidade, fala este parágrafo: «Só nos foi possível aumentar a nossa produção à custa de abastecimentos e de munições indispensáveis, mas as construções nos Estados Unidos, no presente ano, são 4 vezes maiores, em tonelagem bruta, do que as nossas e estou certo de que lançarão ao mar 8 ou 10 vezes esse número, no ano de 1943».

A seguir, o primeiro ministro torna aos grandes teatros da guerra. O caso de Malta, resistindo heróicamente aos bombardeamentos do segundo meado de março e do mês de abril, ocupando até princípios de maio uma grande parte da aviação inimiga, distraída da ofensiva contra a Rússia (na contra-manobra de von Bock na última fase da batalha de Karkov, e no cerco e assalto a Sebastopol) passa numa revoada exaltante de evocações, como reserva de outra realidade: — a neutralização da ilha, à mercê da qual, e dado o enfraquecimento da esquadra, se escóam, desde a Sicília e do Sul da Itália, os reforços do «Eixo» para o *African Korps*. «O inimigo não se apoderou de Malta, mas conseguiu fazer passar para a África muito material. Recordemos que são precisos 4 meses para enviar armamento pelo Cabo da Boa Esperança, mas talvez uma semana ou mesmo

menos para o enviar pelo Mediterrâneo, se for possível passá-lo».

Destá maneira, acudir a Malta é desfalcac a aviação na Líbia. O desequilíbrio de meios aparece. Churchill distribue os efectivos e material na batalha que Rommel, e não os ingleses, abre a 26 de maio; superioridade numérica, superioridade em artilharia, superioridade aérea durante a batalha. Treze de Junho. «Depois da queda de Bir-Hakeim, deram-se mais 5 dias de lua à roda da posição de Knights Bridge e Acroma. Até ao dia 13 de Junho a batalha equilibrou-se. Nesse dia tudo mudou, porque de manhã tinhamos 300 «tanks» em acção e ao cair da noite apenas 70 restavam, sem contar os «tanks» ligeiros «Stuart»; o inimigo não tinha sofrido perdas correspondentes. Não sei o que realmente se passou nesse dia de luta».

Mas em dois anos o Médio Oriente fóra um sorvedouro de reforços: «Durante esse tempo, além dos reforços enviados de outros teatros de operações, partiram para o Médio Oriente, deste país, do Império, das forças aliadas e, até certo ponto, dos Estados Unidos, mais de 950 mil homens, 4.500 «tanks», 6 mil aviões, perto de 5 mil peças de artilharia, 50 mil metralhadoras e mais de 100 mil veículos mecânicos. Fizemos este esforço num período durante grande parte do qual estivemos ameaçados da iminência da invasão deste país, e durante o resto do qual esviámos grandes abastecimentos para a Rússia».

Este o balanço dos dias agrestes. Churchill discute a produção e a qualidade dos «tanks». Quanto a estes deixa uma ironia feliz às oposições: «A produção entrou rapidamente em grande desenvolvimento. Como era de esperar tinha muitos defeitos e quando estes se verificaram, o novo «tank» foi muito apropriadamente baptizado de «Churchill». Estes defeitos já estão, porém, em grande parte vencidos. Estou certo de que este «tank» mostrará afinal ser uma poderosa, capaz e útil arma de guerra». E continua com o mesmo nome.

A allusão vale um esquema do discurso. Ele está remata, na arcada «um grande violoncelista: «Creio que a opinião da esmagadora maioria da Câmara dos Comuns se manifestará não só na votação como também nos dias posteriores e que os que estão em minoria não mais poderão usurpar e quasi monopolizar a atenção da Câmara. A maioria tem de cumprir o seu dever. Em todo o mundo, nos Estados Unidos, na Rússia, na China, por toda a parte, os nossos amigos esperam saber se existe um forte e sólido Governo britânico e a chefia nacional é ou não desafiada. Cada voto conta».

Assim se conquista nos povos livres a consciência livre da nação! A moção de censura ao Governo Britânico é rejeitada na Câmara dos Comuns por 475 contra 25 — menos de metade do que Belisha, quasi por favor, pedira como salvatério. A questão da condução da guerra mantinha-se. Uma gazeta londrina, em caricatura, o *News Chronicle*, pintava Churchill chegado a Londres com um monte de planos, para a segunda frente, para derrotar submarinos, de auxílio à China, de produção de armamento, e topando em cima da secretária dois calhãos rijos, a derrota da Líbia e a grave situação da marinha mercante. Churchill desembarcava-se do ataque parlamentar. Podia reatar a marcha para cumprir as resoluções de Washington. A batalha interior, a da retaguarda política, a de Westminster, estava ganha.

(Continua no pág. 15)

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todos as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO. EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registrada, de garantia:



AS grandes iniciativas, geralmente, nascem dum impulso súbito, dum espírito, no «nada», quasi... Quando em 1931, o então capitão, hoje major, Jorge Botelho Moniz, montou numa mesa velha da cozinha, um aparelho emissor, exultou de amor à telegrafia, que a tantos contemplos, não supunha que chegava o horizonte onde um dia havia de surgir o Rádio Clube Português, a estação que durante longo tempo havia de ser a primeira do país, hoje ainda uma das primeiras e mais potentes sem dúvida a mais popular da Península, título de que orgulhosamente não abdicou.

É difícil precisamente relembrar a data oficial em que, pela vez primeira, o indicativo «Aqui Rádio Paredes, estação C T I D Y» foi lançado ao ether. Um período houve, curto é certo, em que C T I D Y se designava «Estação oficial do Estado Livre de Paredes e Góias».

Fixamos, entretanto, 21 de Abril de 1931. Todavia, isso, não importa fundamentalmente à marcha do mundo nem a vida do prestigiado emissor.

O que é fácil — isso sim — é re-

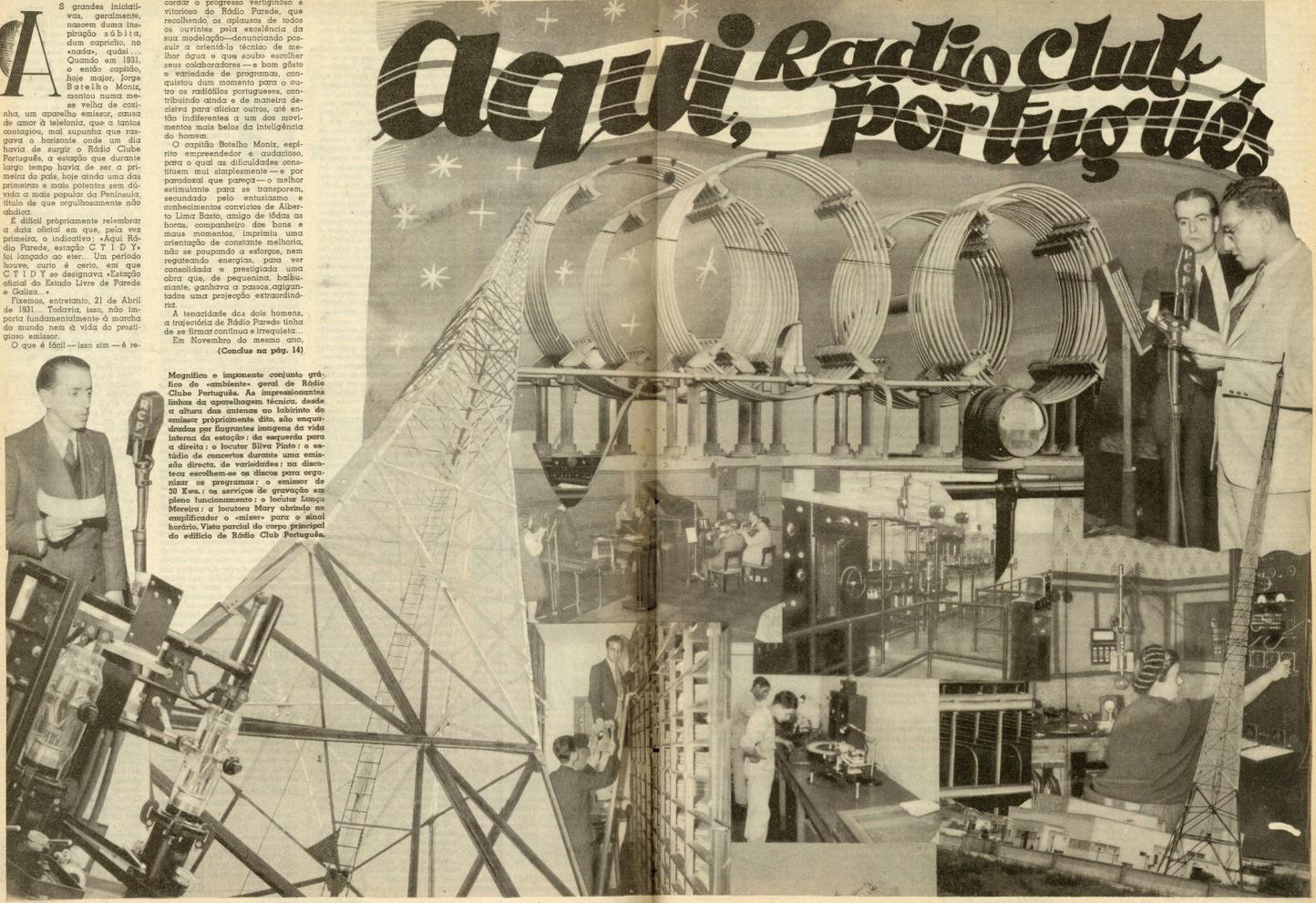
cordar o progresso vertiginoso e victorioso do Rádio Paredes, que recolhendo, os opiniões de todos os ouvintes pela excolência da sua modelação — denunciando possivelmente o espírito de melhor água e que soube escolher seus colaboradores — e bom gosto e variedade de programas, conquistou dum momento para o outro os radiófilos portugueses, contribuindo ainda e de maneira decisiva para alistar outros, até então indiferentes a um dos movimentos mais belos da inteligência do homem.

O capitão Botelho Moniz, espírito empreendedor e audacioso, para o qual as dificuldades constituem mui simplesmente — e por paradoxal que pareça — o melhor estimulante para se transpor, secundado pelo entusiasmo e conhecimentos convicidos de Alberto Lima Basto, amigo de lódas as horas, companheiro dos bons e maus momentos, imprimiu uma orientação de constante melhoria, não se poupando a esforços, nem requeimando energias, para ver consagrada e prestigiada uma obra que, de pequenino, laborioso, ganhava a passos, agigantados uma projecção extraordinária.

A tenacidade deca dois homens, a transcendência de Rádio Paredes tinha de se firmar continua e irrequieta... Em Novembro do mesmo ano, (Continua na pág. 14)

Magnífico e imponente conjunto gráfico do «ambiente» geral de Rádio Clube Português. As impressionantes linhas da aparelhagem técnica, desde a altura das antenas ao labirinto do emissor propriamente dito, não esquecidas por fragmentos imogena da vida interior da estação: da esquerda para a direita: o locutor Silve Pinto; o estúdio de concertos durante uma emissão directa de variedades; os discotecos escolhem-se os discos para organizar os programas; o emissor de 20 Kw.; os serviços de gravação em pleno funcionamento; o locutor Louçã Moreira; a locutora Mary abstando ao amplificador o «missor» para o sinal horário. Vista parcial do corpo principal do edificio de Rádio Clube Português.

Aqui, Rádio Clube Português!



Vista parcial do corpo principal do edificio de Rádio Clube Português.

1931.—uma corte de adeptos a dar força à força que despertara numa mesa de cozinha.—um despacho das entidades competentes atribuiu a Rádio Parede o indicativo C. T. 1 G. L., e a Comissão Administrativa que o regia cedia a vez à primeira direcção, eleita em Assembleia Geral.

Subia o pano para um novo período, mais aureolado, da vida do emissor da linha de Cascais.

Mês a mês o G. L., também adornado com a designação Rádio Clube da Costa do Sol, semanas depois Rádio Clube Português, acentuava seus progressos. Era uma estação de modelação perfeita, nítida, sem quebras de ritmo. A sua potência e o comprimento de onda aumentavam. Cada vez tinha mais prosélitos, sempre prontos a corresponderem a qualquer apêlo para uma inovação que se pretendesse. E o dinamismo do capitão Botelho Moniz, em efervescência, não encontrava fronteiras...

O «G. L.» nada já ficava a dever ao C. T. 1 A. A., vindo até em determinados pormenores a superiorizá-lo...

A designação G. L. popularizou-se duma forma verdadeiramente extraordinária por todo o País—porque de Norte a Sul de Portugal chegava o bafo do G. L., comunicando com todos, em cruzada de orientação, de educação e de recreio dos espíritos.

Uma vez fixada a sua inquestionável importância, a C. T. 1 G. L. assumiu papel preponderante na vida pública nacional. Era o emissor mais representativo. Ouvia-se no mundo e por tal vinha citada nos mapas radiofónicos de quasi todos os países, mormente da Europa, na maioria dos quais era perfeitamente audível.

O tempo rodou, e o Rádio Clube Português continuou a consolidar a posição conquistada por mérito próprio. Não era, todavia, somente a sua comunicação com o exterior que lhe dava força e prestígio. Era também a organização da sua vida interna.

Lentamente—e por isso de maneira segura—o major Botelho Moniz assegurava grandiosidade e continuidade para o Rádio Clube. Mercê da sua acção a Câmara Municipal de Cascais oferecia um terreno com a área de 16.000 metros quadrados, onde, a juntar aos 17.000 adquiridos pelo Clube, se lançaram os alicerces do sólido e patriótico baluarte da radiodifusão.

Um facto desagradável veio em 1935 forçar a suspender a actividade de Rádio Clube Português: um incêndio, encontrando campo propício, devorou quasi todas as instalações, salvando-se a muito custo uma parte da valiosíssima discoteca, onde hoje repousam cerca de 8.000 trechos das mais variadas espécies e qualidades de música diálogos, recitativos, etc.

Outro, que não fôsse o major Botelho Moniz, teria marcado um compasso de espera, um instante de desmoroamento, de surpresa, a paralisar os movimentos... Tal não se deu. Passado o rescaldo, meteu mãos à obra de reconstrução, agora em moldes novos, atendendo às exigências tecnicamente modernas.

Seis meses depois, o Rádio Clube Português ressurgia em vitória, erguendo-se em edificio de linhas sóbrias, mas que na sua simplicidade reflectem a alta capacidade que as concebeu e corporizou.

Entra o amigo, leitor. Aqui, à esquerda, está instalado o P. B. X. e o bengaleiro. À direita, uma cabina telefónica.

Em frente, logo a choçar com o olhar, uma porta ampla, onde se

lê: «Estúdio de concertos», tendo a encimá-la o dístico tradicional em todas as emissoras: «Silêncio».

O estúdio de concertos é uma sala de apreciável lotação e obedecendo a todos os requisitos técnicos da radiodifusão. Por ali têm passado grandes celebridades da Rádio; são dali transmitidos os programas de variedades, de fados e guitarradas, do sexteto da estação, os celebrados «concertos» dos «Aldrabónos» e as famosas emissões recreativas para miúdos e graúdos, que de quinze em quinze dias o espírito moço, fluente, duma ductilidade que impressiona, de José de Oliveira Cosme, põe em escuta obrigatória os radiófilos portugueses, de todas as idades... Neste estúdio existe a aparelhagem essencial a uma aquareta e estão prontos a funcionar simultaneamente quatro microfones.

Já que principiamos por analisar um estúdio, passemos a outro. Saímos por uma porta do fundo, onde igualmente se recorda ao visitante a necessidade de manter um diapasão de voz discreto, e cortemos por um pequeno corredor. A porta custa um pouco a abrir... É de grande espessura, dispõe de óptimas molas e amortecedores especiais, para se fechar e abrir sem o mais leve ruído. E estamos no estúdio de locução, de onde o locutor contacta com o mundo; dali sai a voz diátria, fiel, de Rádio Clube Português. Describamos: uma secretária, um confortável «maple», duas cadeiras, uma prateleira, onde se acantonam, devidamente arrumados, alguns dicionários, sempre úteis, mesmo ao mais perfeito poliglota... Agora, a parte técnica... Um labirinto para quem chega. «Mixers», interruptores, cavilhas, telefones, um gigante de 2^m 10 de altura que dá pelo nome de «amplificador» e cujo conteúdo, deixando assombrado um profano, só não endoiece os técnicos... porque são técnicos!... Fios correndo em todas as direcções e tomando as mais inesperadas formas. O verdadeiro cérebro do emissor.

Depois, a mesa dos «pick-ups». Dois pratos, onde rodopiam os discos. O microfone, em frente, uma figura estática, esfingica, com a qual se fala, mas que não responde...

O locutor comanda, em absoluto, toda a emissão. Para isso tem o amplificador, de onde parte positivamente o «respirar» da estação. Não lhe compete só falar; o seu trabalho é complexo e de pesada responsabilidade. Tem de seguir o programa indicado, respeitando os horários fixados pelo programa-tipo; dar cumprimento ao serviço de publicidade; atender aos sinais horários; e dos estúdios de concertos e de conferências, nada começa sem o locutor dar o respectivo sinal, por meio de luzes, como é internacionalmente usado.

Passemos agora ao «estúdio de conferências», contíguo ao dos locutores. Uma mesa, onde repousam dois microfones: um, recolhendo o vibrar cadenciado dum monumental relógio; outro à disposição de quem vai proferir qualquer palestra.

Nesta sala, já o major Botelho Moniz, durante a guerra de Espanha, falou quatro horas consecutivas de improviso, da uma às cinco da manhã...

Um armário e dois «maples». Um estúdio que é ao mesmo tempo um mostruário de evocações. Retratos aqui e além... Ideias, iniciativas—um rosário de actividades, a atestar trabalho laborioso, profícuo

e consciente.

Outra porta que se abre, e eis-nos na «Sala Azul», que serve também de biblioteca; uma guarda avançada onde as visitas recebem as boas-vindas, onde se pode caçoar (sempre em meio tom...), dispondo de cadeiras e sofás deliciosamente amáveis...

Esta sala confina com o «bar», pequeno, mas óptimamente lançado, e ao qual a maior assistência material é dada pelos... locutores!...

Continuemos, leitor amigo. Regressemos ao vestíbulo e derivemos para a esquerda: gabinete da direcção. Sóbrio; uma sobriedade que cativa e dispõe bem. Uma secretária, cadeiras, um maple, de categoria idêntica aos que encontramos cá fora, mais retratos e recordações de coisas passadas, e uma mesa dúzia de taças do tempo em que Rádio Clube Português disputou competições desportivas... Quatro passos mais e surge a secretária, compartimento espaçoso onde se dá todo o expediente do Rádio Clube.

Saímos pela secretária e, à rua, espreitemos a vista pelos terrenos de desporto, que os abarcamos: basket, volley, «tennis», patinagem, «golf», tiro—e entremos na cabina de gravação. Um dos títulos de orgulho do Rádio Clube Português.

Uma secção técnica de grande envergadura, permitindo resolver variadíssimos problemas. As gravações de Rádio Clube Português são perfeitíssimas, visto possuir material da melhor qualidade e dispor de magníficos técnicos. A corroborar esta afirmação, ainda recentemente Rádio Clube Português fez a gravação, no teatro de S. Carlos, das «4 estações» de Haydn, a convite da B. B. C. de Londres, merecendo esse trabalho de extraordinária responsabilidade dos engenheiros especializados daquela emissora, o honroso elogio de que em Londres não se faria melhor, como—e de passagem cabe aqui dizer—as instalações de Rádio Clube Português podem emparelhar com as das mais bem apetrechadas da Europa. É curioso ainda referir que os engenheiros ingleses ficaram altamente surpresos quando souberam que no Rádio Clube Português não existia nenhum contingente de engenheiros encarregados dos serviços de gravação, como existe em Londres ou qualquer outra estação emissora!...

E antes de te conduzir ao emissor propriamente dito, vamos dar um salto à discoteca. Um compartimento estreito; estantes até à altura do teto repletas de pacotes, de álbuns de discos, perfazendo, repetimos, cerca de 8.000 trechos. Uma riqueza, por cuja segurança e conservação os locutores velam zelosamente. Está ali o «miolo» que todos os dias os ouvintes apreciam.

Por último, eis-nos no «coração» de Rádio Clube Português: o emissor!... Se a cabina de locução é o «cérebro», o emissor é o «coração»!...

Se ele falhar ou parar, o corpo que anima com seu movimento, emudecerá. Sem dúvida e justificadamente, os maiores cuidados vão para o emissor, instalado numa sala espaçosa, bem arejada. Digno de se ver e admirar, mesmo para um leigo. Mormente o emissor de 30 kws—CS2ZA—o mais potente do país, é uma preciosidade de técnica, uma maravilha de construção e elegância de apresentação. Falámos em preciosidade: cada válvula de potência—e são duas—custa 100 contos!...

Aparelhagem de «contrôle», de comunicação com todo o edificio, e serviços inerentes, é um portento de perfeição.

A obra é enorme, de grandiosidade refulgente. O génio de Botelho Moniz e seus dedicados colaboradores, transparece a cada passo.

O Rádio Clube tem actualmente 26 funcionários. O futuro é encarado com o maior optimismo e um projecto de extrema importância aguarda simplesmente que as condições difíceis impostas pela guerra, se normalizem, permitindo dar-lhe consecução prática.

Desse projecto consta: instalação de boas antenas direccionais, destinadas à radiodifusão para a África Ocidental, América do Sul, América do Norte, África Oriental Portuguesa e colónias portuguesas de Ásia e Oceania; construção em Portugal, sob direcção portuguesa, duma emissora experimental de telefotografia e televisão, que actualmente se encontra em estudo; instalação dum bom laboratório de investigações científicas, especializado em electricidade, radioelectricidade e suas aplicações à defesa nacional; conclusão das habitações para os funcionários do Clube e do edificio para serviços de secretaria; construção dum internato, anexo ao clube, destinado a instrução geral e especialização profissional de filhos de operários electricistas vítimas de desastres de trabalho; construção dum ginásio, com todos os requisitos da moderna pedagogia da educação física.

O plano, como se verifica, é vasto e grandioso para um organismo particular, e já estaria quasi transformado em realidade se não fôsse a guerra.

Os registos de sócios de Rádio Clube Português atingem o número 16.500, usufruindo regalias importantes, como se sabe.

Ainda no campo técnico e como remate final: Rádio Clube Português tem um potente emissor de ondas curtas pronto a funcionar; aguarda mui simplesmente que a autorização superior permita pô-lo em contacto com o mundo.

A vida de trabalho numa emissora é agitada, febril, em tudo e por tudo dinâmica.

Assistir a uma emissão constitui, para quem nunca viu, um curioso e interessantíssimo espectáculo.

A rádio é como um jornal. Uma complicação infanda, tremenda, que não se apercebe cá de fora, mas que se comenta e critica gratuitamente!...

A direcção de Rádio Clube Português é composta pelos srs. major Botelho Moniz, Alberto Lima Bastos, capitão Rui Pereira da Cunha, José Rufino Peres, Alvaro da Silva Jorge e José Afonso Percheiro.

Exercendo as altas funções de director-delegado está o sr. Vitor Santos, outro temperamento ávido de inovações, que conta, secundado entusiasticamente pela experiência e igual tenacidade dos seus colegas, apresentar dentro de meses profundas remodelações de carácter técnico e artístico. O Rádio Clube Português é uma instituição que honra quem a concebeu, quem a mantém e orienta, dando contributo inestimável para uma causa verdadeiramente nacional.



...com qualquer tempo, a qualquer hora.
se fazem boas "fotos" com

PELICULAS Kodak

AGARANTIA MAXIMA DE BOAS FOTOGRAFIAS



**FALA-SE
ESTA SEMANA
DE...**

MICHAEL STEWART



Adido de imprensa junto à embaixada britânica em Lisboa que recentemente comunicou ao director do S. P. N. ter sido resolvido conceder, doravante, todos os «navicerts» necessários para a exportação de livros de origem portuguesa destinados às nossas províncias do Ultramar e ao Brasil. Por esse motivo, os pedidos dos livreiros e editores no sentido de obterem os documentos indispensáveis devem ser feitos directamente ao consulado geral britânico em Lisboa ou ao consulado britânico no Porto. Fica assim, com a intervenção valiosa de Michael Stewart, resolvido satisfactoriamente, graças ao espírito de compreensão manifestado, tão importante problema.

DR. MÁRIO CARMONA



Distinto médico-cirurgião, com uma brilhantíssima carreira profissional, que recentemente tomou posse do cargo de director de serviço de clínica cirúrgica dos Hospitais Civis. Ao acto de posse do sr. dr. Mário Carmona que, durante dezasete anos, foi cirurgião do Banco do Hospital de S. José, presidiu o sr. coronel Nepomuceno de Freitas, enfermeiro-mor, e assistiram numerosos colegas e amigos do empossado. O sr. dr. Mário Carmona está agora a dirigir o serviço n.º 3 do Hospital D. Estefânia.

FERNANDO VALE



Fernando Vale tem um nome sobejamente conhecido na literatura infantil, através do seu pseudónimo «Fernand'Almiro». Assinando d'este modo, acaba também de se revelar um talentoso escritor do género policial, com o interessante volume da colecção «Detective», «O morto que mata» — curioso tema inédito na literatura do género que o autor trata com grande emoção e uma técnica muito segura através das suas 320 páginas. Este romance, que vai certamente alcançar um grande êxito, foi recentemente premiado num concurso de novelas policiaes entre cerca de 100 concorrentes.

Panorama Internacional

(Continuação da pág. 11)

O. GARGALO DE ROMMEL



AUCHINLEK

Nesse dia 2, a batalha do Egipto entrara já em fúção. Joga-se ali, com o Churchill disse, o plano de Hitler. Descrevi há muito nestas páginas, de cada vez mais modestas, porque são de menor anotador sem réclamos, o traçado da tenaz alemã: — um braço a intentar romper através do Donetz e do Don sobre Astrakan para o Mar Cáspio e, para o sul da Cordilheira do Cáucaso, pela península da Crimeia sobre os portos do Mar Negro, e pela Turquia contra a Siria; e o outro perfurando desde Suez as abordagens do Próximo Oriente, ferível aliás por um assalto, ainda possível, vibrado das ilhas dos arquipélagos do Mar Egeu e do sul do Peleponeso grêco contra Chipre e Haifa.

Se os russos se sustentam na articulação da sua frente na batalha de usura que é o primor da arte de Timochenko; se Rommel, não atingir o Nilo, a tenaz não opera em qualquer dos seus dois braços. O problema do Mediterrâneo pode ressurar-se a favor da bandeira inglesa arvorada nos topos da esquadra do almirante Harwood, o vencedor do «Almirante Scheer» no Rio da Prata.

A batalha do Egipto trava-se num dispositivo que resta saber, foi devido (como aliás parece) a um golpe de vista de Auchinlek. Rommel, conquistado Tobruk a 21 do mês passado, precipitou-se ao longo da costa. Falava-se em que tinha o gróss do ataque ofensivo entre Sidi-Omar e o Forte Madalena para visar à rota das caravanas de Siwa. Neste caso, o Cairo seria o primei-

ro alvo, mas teria de circunvolver a chamada depressão salina de Catarra, num percurso de cerca de 200 milhas redondas. Ao que se vê, talvez imaginando ter tempo de ir apanhar ainda Auchinlek desorganizado (e é neste ponto que se verá se Ritchie andou ou não com inteligência solerte reclinando eu ordem, às bases da fronteira numa retirada oportuna) Rommel investiu para a frente entre a Depressão de Catarra e a costa. Quarenta milhas mal contadas entre dois pontos de apoio: El Almadain e El Maghra. Exactamente nesse maior estreitamento (o denominado «gargalo de garrafa» por que foi impossível atravessar o terreno de aguieiros da Depressão), Auchinlek estabeleceu a barragem, guardando as posições de fianco esquerdo contra as retaguardas do adversário, a entrarem em cena no caso de ser este impedido de avançar para os caminhos de Alexandria.

Entre o dia 2 e 5, data a que escrevemos, o novo marechal alemão desencadeia as suas marteladas de riço. Os esforços chegam a Auchinlek a tempo. A R.A.F. conserva o seu domínio bravamente. No dia 3 podíamos escrever que se o general inglês se mantivesse a irrupção teimosa de Rommel poderia ter graves consequências, exactamente porque Auchinlek, desde que houvesse reservas, metiera com elas sobre o flanco. Na tarde de quarta feira, 1, e manhã seguinte, o comunicado romano chega a bater palmas, de certo por informação errada, que aliás é ecoada com viveza pela agência officiosa de Vichy, annunciando que o exército inglês batia em retirada para o Egipto. Era falso. A resistência britânica persistia raivosa. Os neo-zelandezes do admirável Freiberg, ferido na frente, que se illustrou em Creta, faziam maravilhas. Rommel sacrificava tudo nos

DER ADLER

**PUBLICA UM SENSACIONAL
RELATO ILUSTRADO DOS
COMBATES AEREOS TRA-
VADOS NO CANAL DA
MANCHA**

Exemplar Esc. 1\$50

ataques de sexta e sábado. No dia 5 chegaram as primeiras notícias favoráveis a Auchinlek. Rommel era atacado de flanco. A batalha do Egito estava em pendor. Nahas-Pacha que reunira as duas Câmaras em sessão secreta, podia repetir as palavras de Churchill quatro dias antes nos Comuns: a batalha não era de forma alguma decisiva.

DE PASSAGEM



LAVAL

Durante os dias de alarme, o almirante Cunningham, antigo Comandante da esquadra no Mediterrâneo e actual chefe da missão do almirantado nos Estados Unidos, opinava do seguinte modo sobre as consequências navais de um avanço feliz alemão sobre Alexandria: «Alexandria é muito difícil de tomar. A esquadra britânica poderia operar mesmo que Alexandria fosse tomada, operando por exemplo de Haifa ou Port Said, embora tal facto se não venha a dar. As tripulações dos navios franceses que se encontram em Alexandria desde o armistício são principalmente parisienses de Pétain. Os navios entretanto estão impossibilitados de operar, tendo pouco combustíveis».

A questão do aproveitamento dos navios de guerra surtos em Alexandria sobrenadado. É de prever que, dado o averiguado auxílio de Laval aos alemães — (muito lógico porque deseja a vitória da Alemanha), uma simples combine os pusesse às ordens do almirante Raeder. A declaração que no dia 3 a germanofilia de Brinon fez em Paris comprovam-no sem hesitações. E, verificado o enfraquecimento naval britânico no Mediterrâneo, é de ver o que sucederia, quando os italo-alemães se lançassem sobre os portos da Síria e do

Próximo Oriente, donde foram deslocados, ao que se disse, reforços do 9.º exército para o Egipto.

O OUTRO BRAÇO



DE GAULLE

No dia 30, o comunicado do grande quartel general do Führer informava que a cintura interior de Sebastopol tinha sido rota pelas tropas alemãs que haviam ultrapassado a baía de Saverinaia. A batalha de assalto chegara a uma fase decisiva. No dia 1, aquele comunicado proclamava: «Sebastopol foi tomada». Os russos, porém, diziam: «Continuamos a ceder terrenos». As chamas dos incêndios atevam-se. No dia 2 combatia-se casa por casa, fortim por fortim, de cartuchos nos dentes como se dizia dantes. «É falso, bradava-se de Moscovo, que a cidade tenha sido ocupada ao meio dia de quarta feira». No dia 4, o comunicado de Moscovo declarava: «Ontem as nossas tropas evacuaram Sebastopol, após heróica resistência, que durou quatro semanas. Era impossível resistir mais, pois a cidade transformara-se num montão de ruínas fumegantes. O nosso objectivo foi alcançado plenamente. Era causar ao inimigo o maior desgaste possível. Escusado é pôr os números das perdas de Munstein que os russos aduzem. Mas há um pormenor, fixado em despacho de Berlim, que se torna interessante não perder: «Todos os fortes e todas as instalações defensivas desta fortaleza — a mais poderosa do Mundo, pelos seus obstáculos naturais — estão em ruínas. Este pórtio de guerra, outrora tão importante para a esquadra bolchevita do Mar Negro não passa, hoje, de uma superfície de água envolvida por uma nuvem de fumo e em cujo fumo e em cujas margens os reservatórios de petróleo ainda ardem». É caso de se perguntar se valeu a pena.

A esse tempo — isto é quando Rommel se lançara no caminho do Egipto — o alto estado maior alemão desencadeara já a ofensiva na frente leste. Os comunicados alemães nem a tal aludem. Fala no entanto por eles a agência explicativa francesa. Desde o dia 1 toda a frente estremece, desde Kursk para o sul. Uma tentativa dos alemães na estrada de Gzhatsk a Moscovo, no dia 1, aparece como uma derivante. A leste de Kursk e numa zona de 150 quilómetros ao norte de Karkov, por Bielgorod e Volchansk, à beira do caminho de ferro que sobe de Rostov e passa por Kupiansk, o ataque alemão, desencadeado a 3, anuncia-se irrompente numa frente de 300 quilómetros. E a batalha de leste, a batalha de Hitler, aquela em que se joga ou se perde, trepada numa oscilação de choques que a 5 de Julho ainda não accusam solução clara. Berlim advertia que ela estava em fase inicial. A própria agência atrás citada aconselhava: «Os dois adversários dispõem de forças aéreas e blindadas sensivelmente iguais, consistindo presentemente os seus esforços em garantir o domínio do ar e terra.

que decidirá da sorte da batalha. Antes d'este primeiro objectivo alcançado não é de esperar ganho de terreno importante». A estratégia de Timochenko de explorar a continuidade da batalha como uma das formas de explorar a superioridade do número, conjugando-a com o factor tempo, repete-se agora como na batalha do outono e do inverno passados.

...É já ao fim da oitava que, por entre o rumor destes acontecimentos, ressurge e faz-se ouvir de novo a voz insistente da ofensiva. Contingentes americanos e canadianos chegam à Islândia do Norte onde em poucos meses (tal como outrora em Bordeus) os Estados Unidos criaram uma grande base naval, em Londonderry.

De Gaulle saúda a futura batalha de França, avisando cada francês de que «se prepare».

É se estes factos não dominam o fragor dos outros acontecimentos que deixamos mencionados, quem no entanto dizer que a questão de uma intervenção ofensiva dos aliados se torna cada vez mais viva, à medida que eles se desenvolvem,

Em distribuição

o n.º 13 de Sinal

Tôda a actualidade mundial em crónicas altamente sugestivas.

Um volume profusamente ilustrado.

Edição em lingua portuguesa

exemplar Esc. 2\$00

HISTORIA DA GUERRA

(Conclusão da pág. 9)

começo da luta e as suas características iniciais:

«Foi num momento que tudo se decidiu. Era convicção minha que os franceses, naquela altura, estavam ainda decididos a permitir o avanço das tropas imperiais depois de pequenas escaramuças sem importância. A verdade, porém, é que elles começaram a disparar e continuaram a disparar cada vez com uma energia maior. Além d'este factor, pois o ruído dos tiros é um incentivo para que os combates prossigam, um outro começou a operar. Os franceses diziam: «Pensam acaso os ingleses que nós somos covardes? Vamos demonstrar-lhes praticamente que não somos». E assim fizeram.

É preciso também não esquecer que a maioria das tropas aquarteladas na Síria pertenciam à Legião Estrangeira, senegaleses, argelinos, etc., soldados profissionais habituados a uma disciplina rigorosa e a uma obediência total. Desde que lhe deram ordem para resistir haviam de resistir até final. Nas primeiras horas registaram-se alguns mortos; depois augmentou o número de mortos e de feridos. Os homens que estavam nas fileiras sabiam que os seus companheiros de armas tinham sido vítimas da luta. Esse sentimento animou-os para lutar e para oppor uma resistência feroz à occupação».

Assim as três colunas encarregadas de occupar a Síria depararam com uma enérgica resistência e o seu avanço foi quasi desde o início detido pela acção dos franceses. O general Verdillac assumiu, por ordem do general Dentz, o seu comando, enquanto o general Le Gen-

tilhomme, obedecendo ao general Catroux, comandava os franceses livres. Era um aspecto doloroso da luta fratricida em que a nação francesa tinha mergulhado depois da derrota militar de 1940. Do lado inglês estabelecia-se uma cooperação estreita entre os serviços das diversas armas. A aviação e a marinha colaboravam activamente nas operações mas estas nem por isso se aproximavam rapidamente duma decisão.

OS EPISÓDIOS DA LUTA

Os principais episódios da luta travada na Síria podem resumir-se assim: depois de terem atravessado no dia 8 de Junho a fronteira da Síria, os contingentes de tropas imperiais e de franceses livres, que saíram da Palestina e da Transjordânia, dividiram-se em três colunas, progredindo nos sentidos que já deixámos indicados. Os senegaleses e outros elementos do Legião Estrangeira opuseram forte resistência ao avanço, distinguiram-se na luta. Dos atacantes distinguiram-se as tropas australianas e os franceses livres que, no decurso dos combates, receberam uma adesão de certa importância, a do coronel Collet, militar de reconhecido prestígio e perito da guerra no deserto.

Só em 21 de Junho, ao fim de dezasseis dias de combates incessantes, os franceses livres occuparam Damasco. No sector costeiro o avanço das tropas imperiais foi particularmente facilitado pelo auxilio da esquadra. A coluna que tinha por missão conquistar Beirute chegou à vista desta cidade nos últimos dias de Junho. Entretanto duas outras colunas, num movi-

mento concêntrico, haviam partido do Irak, uma delas avançando ao longo do Eufrates, para Aleppo, e a outra ao longo do «pipe-line» de Mossul para Palmyra, onde havia um importante aeródromo.

O general De Gaulle esteve na cidade de Damasco logo em seguida à sua occupação (24 de Junho). Conferenciou ali largamente com os elementos preponderantes da politica síria, aos quais afirmou que o restabelecimento da independência do país era uma das condições fundamentais da acção empreendida.

A situação económica era bastante grave e foi necessário tomar providências enérgicas para remediar a situação. Esta agravara-se singularmente por virtude do bloqueio estreito que, durante as operações e algumas semanas antes de estas se iniciarem, a esquadra inglesa fez aos principais portos da Síria.

A occupação da capital não evitou que as hostilidades prosseguissem com o mesmo encarniçamento. Os reforços em homens e em material recebidos pelos ingleses tinham colocado estes em tão manifestas condições de superioridade que, a partir do fim de Junho, o desfecho da luta estava assegurada a seu favor. No dia 8 de Julho o Alto Commissário, general Dentz, pediu a cessação das hostilidades. O armistício foi assinado entre o general Wilson e o general Verdillac, que para isso recebeu poderes especiais. Com a vitória britânica as pretensões dos países do «eixo» em relação ao Próximo Oriente foram adiadas por algum tempo.

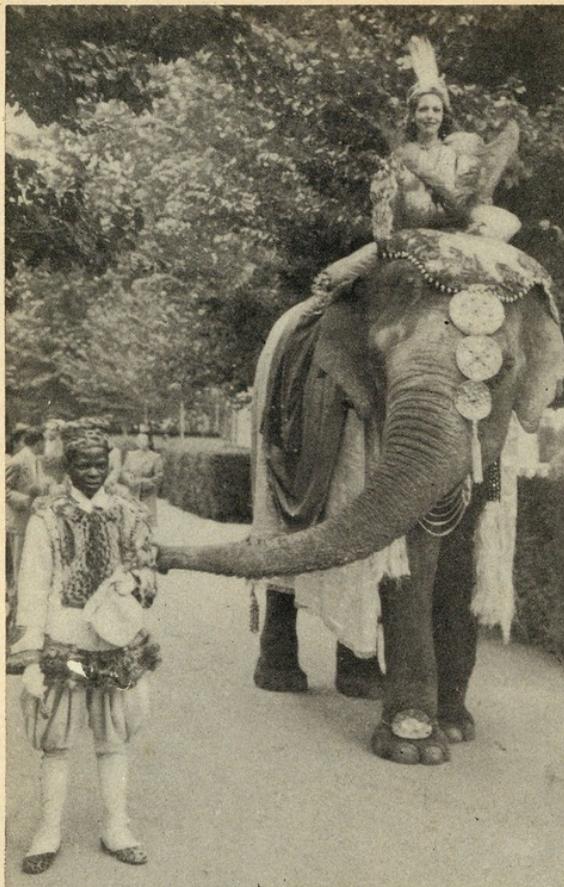
(Continua)



o ministro espanhol
Serrano Suñer
 visita a Itália

Vida
MUNDIAL
 da semana

O MINISTRO ESPANHOL dos Negócios Estrangeiros, Serrano Suñer, que recentemente visitou a França e a Itália, saúdados por uma guarda de honra de forças navais italianas após a sua chegada a Livorno, onde recebeu as homenagens do Conde Ciano e dos altos comandos.



NO PARQUE DAS LARANJEIRAS, efectuou-se recentemente um interessante espectáculo de beneficência, com o título de «Festival fantástico», a favor de várias obras de caridade das freguesias de Santa Isabel e do Santo Condestável. As fotos que publicamos acima mostram-nos vários aspectos do festival. Entre a assistência, vê-se o sr. ministro da América e distintas famílias da melhor sociedade portuguesa.



**CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS**

**APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL**

À venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

APYROL



a voz de Londres
FALA E O MUNDO ACREDITA

EMISSIONES EM LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	G R U	31,75 m. (9,45 mc/s)
		G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G R U	31,75 m. (9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	G R X	30,96 m. (9,69 mc/s)
		G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
		G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s). Até 11 de Julho inclusivé o posto transmissor em 261,1 metros trabalha sómente às 23,15. Em 12 de Julho retoma a emissão às 23 horas.



Outro aspecto da elegante assistência ao «Festival Fantástico»

Figuras da Vida **MUNDIAL**



O ALMIRANTE CUNNINGHAM, antiga comandante-chefe da esquadra do Mediterrâneo e actual chefe da missão do Almirantado britânico nos Estados Unidos, numa caricatura de SANTANA



O SR. MINISTRO DO INTERIOR com os altos comando da P. S. P. e da G. N. R. dirigindo-se para o local onde se efectuou o festival da Polícia.



DURANTE UMA FESTA recentemente efectuada no Instituto dos Pupilos do Exército, o sr. coronel Tamagnini Barbosa recebe das mãos dum aluno a taça ganha pelo «team» de futebol daquele estabelecimento de ensino. Na foto, vêem-se também os srs. coronel Cardoso dos Santos e major Perestrelo da Silva, que presidiram à festa.



OS CONVIVAS DO BANQUETE comemorativo do 7.º aniversário da fundação do Clube dos 100 à Hora.

CRÓNICA NAVAL

de Maurício de Oliveira (Continuação da quarta página)

malogro de operações terrestres que do apoio do mar dependiam, em larga escala.

Desta maneira, a capitulação de Tobruk pode confirmar, em parte, as afirmações germano-italianas referentes à dispersão e destruição parcial de um grande comboio britânico que há dias se dirigia para aquela praça forte já ameaçada de novo e longo assedio. O comboio, obrigado a dispersar para não sofrer maiores perdas, teria rumado para Malta e a guarnição de Tobruk teria ficado privada da carregamento precioso que se pode armazenar nos porões de quinze grandes transportes...

Seja como for, o tão reclamado ataque ao comboio deu-se, de facto, poucos dias antes de Tobruk se ver na impossibilidade de oferecer ao inimigo uma resistência de meses, como o pudera fazer ainda há bem pouco tempo. Estes são os factos. E é quanto basta, afinal.

* * *

A crise do poder naval britânico no Mediterrâneo coincide ainda com um apreciável reforço do poderio germano-italiano naquele mar.

Não basta reconhecer que os submarinos alemães — os que têm conseguido passar pelo Estreito de Gibraltar ou os que, em peças por montar, foram, por caminho de ferro, da Alemanha até ao Adriático — têm desenvolvido, ao lado dos italianos, uma acção muito apreciável.

Se o submarino revela, dia a dia, maiores possibilidades, não é menos exacto que, em quasi três anos de guerra, os seus torpedos não conseguiram abater os aliados pela crise de abastecimentos ou de materiais.

Piores que os submarinos se têm mostrado, no Mediterrâneo, os navios de linha e os cruzadores italianos.

A recente entrada em serviço de dois novos couraçados italianos de 35.000 toneladas — o «Roma» e o «Impero» — iguais ao «Litorio» e ao «Vitorio Veneto», veio pôr um novo problema perante os ingleses no Mediterrâneo, precisamente no momento em que um novo problema se lhes deparava também no

Extremo-Oriente ao verem desaparecer o «Prince of Wales» e o «Repulse», após meia hora de combate com a aviação japonesa.

Se nos lembrarmos de que, por ocasião do notável ataque da R. A. F. à base de Taranto, aparte avarias graves em outros navios (graves mas reparáveis) somente ficou afundado (em pequenos fundos e apenas com a pópa submersa) um dos couraçados de 35.000 toneladas — o «Litorio» ou o «Vitorio Veneto», podemos concluir que, passado tanto tempo sobre essa acção, os italianos devem ter, neste momento em serviço, oito couraçados, sendo quatro modernos e quatro antigos, da classe «Conte di Cavour», recentemente modernizados.

Esta poderosa força de batalha, apoiada por uma esquadra de cruzadores que, apesar das fundas brechas abertas por Cunningham, é ainda apreciável, e por uma força numerosa e rápida de contra-torpedeiros e de submarinos, está em condições de empreender uma acção relâmpago contra o Médio-Oriente (a Síria essencialmente) com probabilidades que não é lícito desprezar. Tal é o novo panorama naval do Mediterrâneo que se apresenta precisamente num momento em que os aliados necessitavam que a sua feição fosse totalmente contrária.

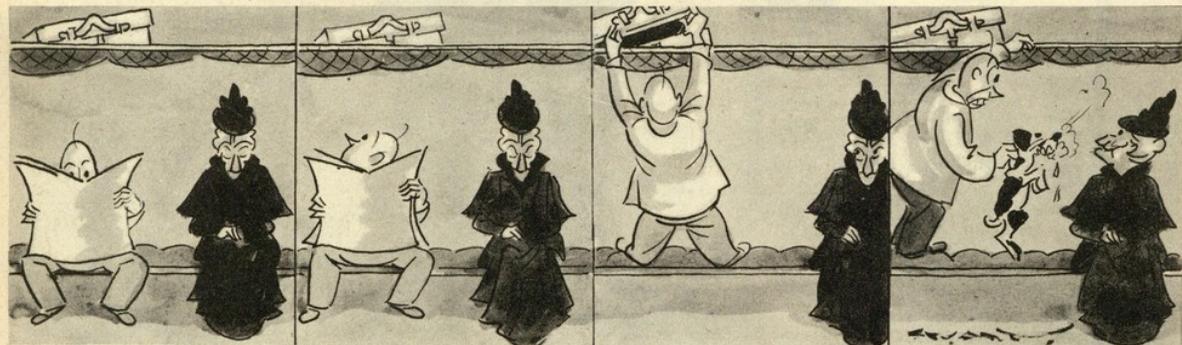
É de esperar, aliás, uma acção de grande envergadura por parte da Armada italiana, da qual se tem falado nos últimos meses, excepção feita à sua recente e violenta intervenção no ataque ao comboio de reforço para os exércitos britânicos do norte de África.

Estas considerações que parecem traduzir pessimismo — para muitos exagerado — resultam apenas do conhecimento de alguns factos e das conclusões lógicas a que eles conduzem.

Estamos em presença de uma crise do poder naval britânico no Mediterrâneo. Se os homens que dirigem a Inglaterra, hoje auxiliados pela gigantesca máquina industrial dos Estados Unidos, têm sabido enfrentar e resolver tantas outras dificuldades, ser-nos-á lícito duvidar de que farão frente a mais esta? O tempo e acontecimentos muito próximos o dirão.

O CÃO DANADO

por Stuart de Carvalhais



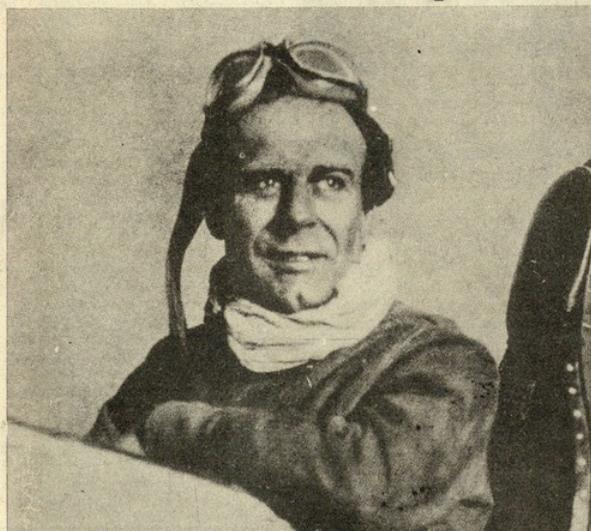
— Sim, senhor. Neste compartimento sinto-me à vontade. Só é pena a companhia — que é horrenda...

— Olá! Oiço uns gemidos que partem da mala. Tratar-se-á de algum crime? Que a velha tem cara de bruxa, lá isso tem...

— Eu logo vi que havia coisa. A malvada trás ali metido um cão. Pobre animalzinho!...

— Oh minha senhora. O melhor é tirar o cãozinho cá para fora. De contrário ele pode danar-se... — Pois por ele estar danado — é que eu o trago na mala!...

Este homem bombardeou Soquio



O BRIGADEIRO-GENERAL americano James Doolittle, comandante das esquadilhas aéreas que há tempos bombardearam várias cidades japonesas. Doolittle tem 45 anos e é um antigo «recordman» da aviação, tendo ganho também em 1925 a Taça Schneider e em 1931 o Prémio da Travessia dos Estados Unidos de costa a costa. Foi condecorado pelo Presidente Roosevelt com a Medalha de Ouro do Congresso.



O REV. PADRE CRUZ celebrando missa acolitado pelo rev. Martins da Ponte no dia em que ambos comemoravam as suas «bodas de diamante».



★ ★ ★ *aquí* AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas*	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
10.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15.33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

* As horas indicadas são as do meridiano de Greenwich (G. M. T.) isto é, duas horas mais cedo do que a hora de Lisboa.

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



UM ASPECTO DA «TARDE DE ARTE» organizada por um grupo de senhoras da primeira sociedade de Lisboa — festa elegantíssima que se efectuou nos terraços do «Diário de Notícias», em benefício da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.



A ASSISTÊNCIA À FESTA de caridade recentemente efectuada no Automóvel Clube de Portugal e promovida por uma comissão de senhoras.



A COLÓNIA BRITÂNICA ofereceu quatro barcos de vela à «Mocidade Portuguesa». A cerimónia da entrega dos barcos efectuou-se há dias em Caxias, com a assistência do sr. Embaixador da Inglaterra, Sir Ronald Campbell, dos dirigentes da Federação Portuguesa de Vela e dos centros da Brigada Naval e da M. P. Serviram de madrinhas as sr.^{as} embaixatriz de Inglaterra, de Vale Flor e de James. A foto mostra-nos um aspecto do acto.



A cantora D. Marina Dewander Gabriel, exibindo-se no Serão Anteriano.

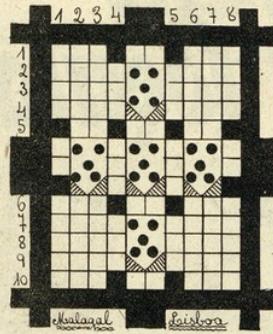
(Fotos Seródio)



O MAESTRO ARTUR TRINDADE efectuou recentemente a sua festa artística na Casa das Beiras. Na foto, vê-se aquêle professor rodeado por alguns dos seus alunos que tomaram parte no concerto, entre os quais os cantores Almerinda Monteiro, Laura Garriga, Maria Amélia Melo, Carmo Pequeto, Maria de Lourdes Estevão da Silva, Ina Lorsi, Pepa Wakman, Olga Carmona Magalhães, Helena Estevão da Silva, Maria Irene Oliveira, António Souto, Manuel Afonso, etc.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 32



HORIZONTAIS: 1—Puxa; Coisa insignificante; Infusão. 2—Cavalo pequeno, elegante e leve; Abreviatura de Frade. 3—Espécie de cegonha; Contração de interjeição e pronome. 4—Preciosidade; Ponta da vèrga. 5—Preposição e artigo; Que foi; Apenas. 6—Contra o que devia ser; Frivola; Para cima. 7—Arco da velha; Angina diftérica. 8—Sem mistura; Confiar. 9—Escavar; Cunho. 10—Que estão curadas; Uma coisa; Agrada.

VERTICAIS: 1—Semelhante; Medida de extensão de 12 polegadas ou 33 centímetros; Delicadeza

(pl.). 2—Arte de iludir com boas palavras; Espécie de palmeira indiana, que não dá fruto. 3—Grão de uva; Constelação setentrional (pl.). 4—Velocidade; Jogo de cartas, semelhante ao da paciência; Abreviatura de soror. 5—Rancôr; Pref. gr. Montanha; Cabelos brancos. 6—Animal que mama (pl.); Aparelhos de pesca. 7—O sol; recém-nascido. 8—Preceptor de crianças ilustres (pl.); Ai; Dã entrada em.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 31

HORIZONTAIS: 1—Alagar; Azêdos. 2, Mar; Busto; Ela. 3—Arvore; Inodar. 4—Alara. 5—Obra; Ato; Alar. 6—Reame; Atola. 7—Aro; Imo. 8—Arava; Omega. 9—Cova; Ara; Ocas. 10—Amena. 11—Malato; Urdume. 12—Ama; Alalé; Sôr. 13—Rasara; Assára.

VERTICAIS: 1—Amador; Aca-mar. 2—Lar; Berro; Ama. 3—Arvôra; Avelas. 4—Amava. 5—Abra; Era; Atar. 6—Ruela; Amola. 7—Até; Crê. 8—Atiro; Anúla. 9—Zôna; Amo; Ares. 10—Átomo. 11—Dédalo; Eclusa. 12—Ola; Alega; Mor. 13—Sarara; Aspera.

Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos—Fonseca e Roquete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia—de Bandeira; e Mitologia—de Chompré.

Vida MUNDIAL

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO—Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS—Editor e Proprietário—Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844—Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.—Travessa da Condessa do Rio, 27—Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º—Telefone 2 6942. ——— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA ———

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

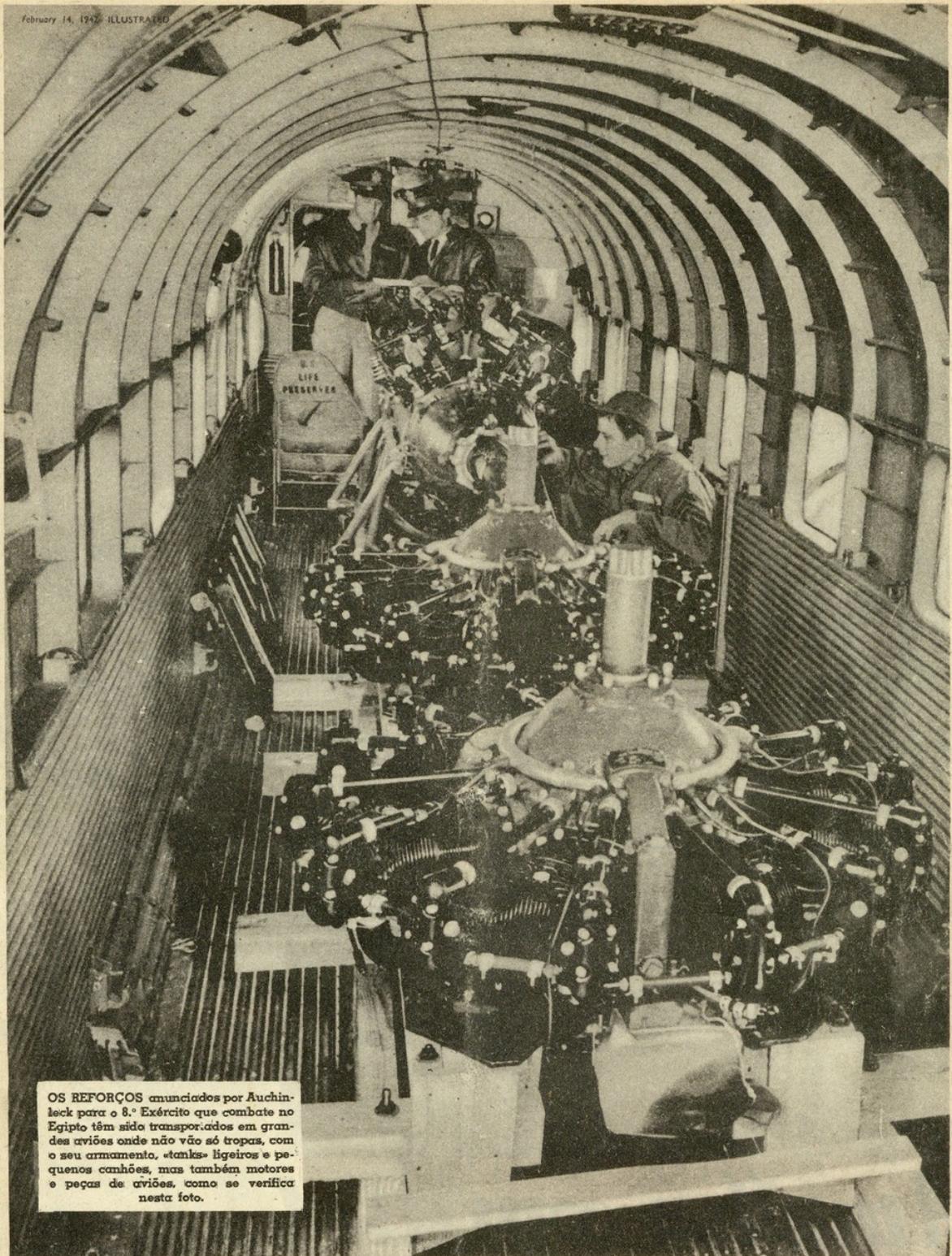
22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.630



A mulher com asas

Durante a última guerra, uma dançarina, famosa nessa época, chamada Loie Fuller, inventou um bailado surpreendente. O corpo das bailarinas era coberto de tiras de muitas cônes que, em movimento, davam um curioso efeito. As dançarinas de Loie Fuller percorreram a Europa e a América, causando sensação. Mais tarde, a dança foi modificada. As tiras de tecido multicor tomaram a forma de asas de borboleta. Depois, o bailado alado esqueceu...

Agora, na Austrália, outra bailarina, Edna Emmett, de Sidney, fez reviver essa dança — e, por estranha coincidência, também em tempo de guerra. A dançarina-borboleta de 1942 — de que apresentamos nesta página duas curiosas fotos tiradas num parque australiano — imita perfeitamente, no seu bailado, as caprichosas danças do colorido insecto. Para isso mandou confeccionar um vestido especial onde gastou mais de cinquenta metros de tecido. A amplitude das asas é de cerca de oito metros. A dança é acompanhada pela peça de Rimsky-Korsakov «O vôo de moscardo».



OS REFORÇOS anunciados por Auchinleck para o 8.º Exército que combate no Egípto têm sido transportados em grandes aviões onde não vão só tropas, com o seu armamento, «tanks» ligeiros e pequenos caminhões, mas também motores e peças de aviões, como se verifica nesta foto.

Reforços

para a

frente do

NILÓ

Vida
MUNDIAL
Illustrada